

Religiões & Espiritualidades

Por uma cultura de Respeito e Paz



Diálogos

Fórum da Diversidade
Religiosa em Pernambuco

Edson de Araújo Nunes
Emilia Rahenmay Kohlman Rabbani
Floralva Cavalcanti
Gilbraz Aragão
Lilian Conceição da Silva
(Organizadores)

Religiões e Espiritualidades

Por uma cultura de Respeito e Paz

REALIZAÇÃO
Fórum Diálogos

Recife - Pernambuco
2020

Título Original: Religiões e Espiritualidades:
Por uma cultura de Respeito e Paz

Equipe Editorial Emilia Rahenmay Kohlman Rabbani
(Revisores): Faustino dos Santos
Sérgio Neves Dantas

Projeto Gráfico e
Diagramação: Faustino dos Santos

Copyright © 2020 Fórum Diálogos

Direitos dessa edição reservados ao Fórum Diálogos de Pernambuco.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte. Esse livro foi publicado em versão digital.

Catálogo:

R382 Religiões e espiritualidades : por uma cultura de respeito e paz
[recurso eletrônico] / Edson de Araújo Nunes... [et.al.],
organizadores. -- Recife: F. dos Santos, 2020.
122p. : il.

ISBN 978-65-00-06246-5

1.Religiões. 2. Espiritualidade. I. Nunes, Edson de Araújo.

CDU 2

Luciana Vidal – CRB-4/1338

Ao Frei Tito.
Companheiro, irmão e artífice do
diálogo inter-religioso
in memoriam.

"Todas as religiões têm o dever de orientar as pessoas para a paz interior e exterior. Se queremos tornar este mundo melhor, precisamos tornar-nos pessoas melhores".

"... as diferentes crenças [...] são apenas diferentes métodos, diferentes abordagens para a promoção do amor".

Dalai Lama

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	07
PREFÁCIO.....	11
PARTE I: RELIGIÕES E ESPIRITUALIDADES.....	18
Jurema Sagrada.....	19
Culto Nagô de Pernambuco.....	23
Candomblé Angola/Congo - Tradição Bantu.....	27
Judaísmo.....	31
Budismo.....	36
C-Islam - Centro Islâmico Imam Sadeq (AS).....	41
A Fé Bahá'í.....	48
Igreja Católica Apostólica Romana.....	54
Diocese Anglicana do Recife.....	59
Exército de Salvação.....	66
Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo.....	70
Espiritismo.....	75
A União do Vegetal.....	79
Wicca.....	83
Danças Sagradas.....	90
Hare Krishna.....	98
E os Sem Religião?.....	102
PARTE II: CARTA DE PRINCÍPIOS E REGISTROS FOTOGRÁFICOS.....	106
Carta de Princípios do Fórum Diálogos.....	107
Registros Fotográficos.....	110
POSFÁCIO.....	112

APRESENTAÇÃO

O nosso “Diálogos - Fórum da Diversidade Religiosa em Pernambuco” completou sete anos em 12 de novembro de 2019 e este livro bonito faz parte da celebração. Ele traz um pouco da história, da visão de mundo ou da missão, das crenças e ritos ou dos objetivos, da organização e dos serviços das religiões e espiritualidades que compõem o Fórum Diálogos. O número sete é um número místico em muitas culturas, fechando um ciclo de existência em que a gente se detém para somar os conhecimentos adquiridos e buscar novos desafios. Esse é o sentido desta publicação: avaliar quem somos e o que temos realizado juntos, descobrir com mais gente destinos renovados e visões ampliadas para o nosso coletivo.

Em 2012, durante as comemorações da Consciência Negra, o Fórum Diálogos foi lançado na Assembleia Legislativa, por iniciativa de Westey Conde e equipe, da 7ª Promotoria de Justiça de Direitos Humanos da Capital do Ministério Público pernambucano, sobretudo em defesa do Povo de Santo - que sofre uma forte intolerância religiosa, racista e classista. A associação civil, que começou com uma quinzena de tradições religiosas, visa colaborar assim para a construção de uma cultura de tolerância e coexistência entre as diversas religiões, para o conhecimento e respeito às tradições dos outros, para a promoção de um serviço combinado das diversas espiritualidades às causas da justiça socioambiental em Pernambuco. São lideranças que se reúnem e refletem sobre os desafios da liberdade religiosa e da laicidade do Estado, promovendo ações para sedimentar a convivência das crenças e o seu trabalho comum por um povo mais humano.

E precisamos disso, porque são muitos os desafios que o mundo todo enfrenta nesse campo (da falta) do di-

álogo inter-religioso. Não bastassem os conflitos econômicos e políticos, a China e a Coreia do Norte perseguem ideologicamente os grupos espirituais tradicionais. O Irã e a Arábia Saudita apadrinham a versão de uma religião e perseguem muçulmanos dissidentes, cristãos e baha'is. O Paquistão condena à morte quem os extremistas denunciam por blasfêmia, normalmente xiitas, cristãos, hindus e ahmadis. Na Síria e Iraque o grupo Estado Islâmico desencadeou ondas de terror contra yazidis, cristãos e xiitas, bem como contra os gays e as mulheres. Budistas radicais na Birmânia agredem os muçulmanos rohingya. Na República Centro-Africana, milícias cristãs destruíram quase todas as mesquitas do país. Na Nigéria, o Boko Haram continua a atacar cristãos e inúmeros muçulmanos que se opõem ao grupo. Muçulmanos e judeus continuam se confrontando na Palestina. O extremismo político-religioso também aterroriza Europa e EUA - e não são apenas os ditos muçulmanos antiocidentais que o promovem: grupos que se proclamam cristãos matam médicos que defendem os direitos reprodutivos.

No Brasil, as denúncias de discriminação e intolerância religiosa aumentam e a maioria dos fatos envolve o Povo de Santo das religiões afro-indígenas-brasileiras, com cultos de imprecações “cristãs” contra os seus Terreiros e agressões aos seus símbolos e aos seus membros. Não se trata de criticar as pessoas que gostam do evangelho e criam comunidades em torno dele para promover mais vida, mas de questionar um projeto de dominação político-cultural articulado por algumas lideranças evangélicas e católicas, que consiste inclusive em um cisma com respeito à tradição profética do cristianismo. Pois elas opõem um “deus” pai sério e punitivo a uma divindade amorosa de justiça e compaixão; uma igreja exclusivista, rígida e hierárquica, a movimentos inter-religiosos em favor da ecologia integral; manifestam um apego teológico ao pecado original, contra uma espiritualidade da

criação e sua compreensão de bênção original; pregam a intolerância ao estrangeiro e ao “estranho” moral, contra o abraço ao feminino e aos outros gêneros; o medo da ciência, enfim, ao invés do incentivo à sapiência.

São discursos que hostilizam em especial as telúricas religiões indígenas e afro-brasileiras, além de outros “bodes expiatórios” considerados idólatras. Contra eles devemos invocar a laicidade: o Estado brasileiro é laico, acolhe todas as religiões sem aderir a nenhuma. Não é lícito que uma religião imponha à nação seus pontos de vista e não podemos deixar os espaços públicos republicanos ser ostensivamente ocupados e controlados por quaisquer comunitarismos ou igrejas. Uma autoridade pode ter convicções religiosas, mas não é por elas, mas pelas leis e pelo espírito democrático que deve governar, sendo necessário traduzir as motivações religiosas pessoais e comunitárias em argumentos para o debate público numa sociedade pluralista.

E na III Conferência Mundial sobre as Religiões (<http://worldsreligions2016.org>) foi promulgada a Declaração Universal dos Direitos da Pessoa pelas Religiões do Mundo, que em seu artigo I diz que “Toda pessoa tem direito a ser tratada com respeito como ser humano e tem o dever de tratar as demais pessoas com respeito e como seres humanos que são, sob o espírito da irmandade”. Então, quando bem entendidas, as religiões podem nos unir em torno de um mandamento humanizante: cuidar do outro como você deseja ser cuidado.

Caminhando já para a maturidade de oito anos do Fórum Diálogos, desejo, então, que continuemos ajudando a sociedade pernambucana a ser mais cosmopolita e transreligiosa. As visões de mundo e rituais religiosos são como um arco-íris, em que cada um pode embelezar a sua cor, mas consciente de que ela vai aparecer ainda mais bonita dentro do espectro das colorações do mundo, que se originam da mesma luz, transcendente. É

tempo de ensaiarmos uma grande ciranda das culturas, com sons diferentes para sonhos iguais, e um silêncio no centro que nos abra para uma palavra diferente e uma outra visão das coisas, mais libertária. E como fazemos aniversário no novembro da Consciência Negra, quero concluir esta apresentação do livro do nosso Fórum com as palavras de um sapateiro do bairro de São José no Recife, o grande poeta negro Solano Trindade: “Ouço um novo canto, Que sai da boca de todas as raças, Com infinidade de ritmos... Canto que faz dançar, Todos os corpos, De formas, E coloridos diferentes... Canto que faz vibrar, Todas as almas, De crenças, E idealismos desiguais... É o canto da liberdade, Que está penetrando, Em todos os ouvidos...”. Que assim seja!

*Gilbraz Aragão,
Observatório das Religiões da UNICAP
(<https://www1.unicap.br/observatorio2>)*

PREFÁCIO

Meses atrás quando iniciava este prefácio, as primeiras linhas me soavam justas para representar o estado atual do mundo e os correspondentes desafios do “Fórum Diálogos de Pernambuco” para colaborar na construção de uma cultura de respeito e paz. Nesse exato momento em que revisamos o texto para publicação uma pandemia viral paralisou a humanidade trazendo crises globais e demandas imperiosas – e isso bem poderia suscitar dúvidas sobre a atualidade dos temas aqui expostos. Porém, pelo contrário, as matérias que em seu conjunto fazem este livro nunca se mostraram tão fieis ao momento e tão necessárias. Pois as cores e contrastes no retrato do mundo estão agora ainda mais carregados de novidades e urgências: de um lado, antagonismos mais nítidos na geopolítica mundial valem-se da crise de forma egoísta em defesa de seus centros de poder e interesse; e por outro lado, iniciativas nobres e serviços significativos acompanham apelos por uma solidariedade global, por valores e princípios de convivência, repercutindo como nunca a esperança de que estamos caminhando para formação de uma consciência planetária.

É nesse quadro desafiador que o “Fórum Diálogos de Pernambuco” – pessoas identificadas a diferentes tradições espirituais e a movimentos de promoção do respeito e dos direitos humanos–, se unem, como crentes buscadores e pesquisadores, em torno daquilo que os move juntos em diálogo: fazer avançar uma cultura de respeito e paz em busca de um mundo melhor. O que os aproxima enquanto participantes-autores nesta publicação, como já esclarecido na Apresentação, é “avaliar quem somos, enquanto diversidade religiosa em Pernambuco, e o que temos realizado juntos”. Particularmente, enquanto motivo condutor da obra, discorrer so-

bre como cada instituição aqui representada, “contribui na construção de uma Cultura de Respeito e Paz”.

Uma sociedade pacífica, vale notar, é um sonho muito antigo. O apelo à paz e a fraternidade carregam simbologias ancestrais assemelhadas às da busca por pistas que conduzam à Terra Prometida, à Shangri-lá, ao paraíso terrestre, à cidade de Deus, ao Kaaba celestial. As diversas crenças e representações religiosas do mundo têm em comum a ideia-força do sonho da paz e da salvação do ser humano. O apelo faz eco a milênios e atinge todos os humanos indistintamente, pois brotam da alma, é ouvido, antes, dentro deles mesmos. Procede do cultivo da vida, da melhoria do mundo, da construção de um planeta fraterno. Como sonho humano, nutre-se não apenas da literatura místico-religiosa, mas igualmente, de princípios proativos de instituições apoiadoras de uma cultura de paz, da força dos versos e hinos à paz da pena dos poetas, dos cientistas visionários, e dos artistas mundo afora. Constituem vocações especialmente sensíveis à causa da paz, quando a motivação central é a própria missão. São todos atores da paz, seres de “boa vontade” que sentem dentro de si mesmos a imensidão e a força desse propósito de fraternidade.

Quando aninhada em tradições espirituais, a proclamação à paz chega como uma provocação, um chamado que vem do alto, não obstante, como nos demais “atores da paz”, a semeadura dar-se em solo humano. O peregrino da paz há que a buscá-la dentro de si, entesourada na alma. Esses seres que navegam pela arca do tesouro da paz avançam do grau de semeadores da esperança para o de empreendedores da “certeza da paz”, já não sentida simplesmente como mera possibilidade, mas como uma destinação inevitável. Tal realização é regada pela potência das escrituras divinas, investida de atos de fé, coragem, desprendimento, devoção, serviço e sacrifício.

Trata-se, de outro modo, de uma jornada psíquica para dentro de si, embalada na força misteriosa do amor e de diversas outras profundidades como a devoção, o desprendimento, a caridade e o serviço. Em cada caso e em todos, quer o trabalho dedicado a serviço do ser humano adquira a forma de uma missão policial ou projeto educacional, ou de qualquer movimento humano levado à perfeição e a devoções infinitas, há um Deus escondido, que se afirma e habita o ser, iluminando o caminho. Os atributos de uma natureza divina refletida em cada ser humano embalam esse sonho milenar por uma condição societária superior, de cooperação, entendimento e beatitude.

No entanto, em tudo que é humano instala-se igualmente a finitude, a limitação, o erro. Somos igualmente cativos do desejo e do ego, que age como um inimigo oculto, nebuloso, de natureza inferior, inibidor das grandes realizações. Essa polaridade do espírito humano se projeta na história de forma radical e catastrófica. Ao mesmo tempo em que cresce a consciência por uma cultura planetária de paz, amplia-se o número de etnias, religiões e crenças que se empoderam e se rivalizam via conflitos e intolerâncias. Um sentimento crescente de unidade e cidadania mundial coexiste com o da ilusão separatista, da fragmentação e rupturas nacionais, regionais e locais; possibilidades e expressões de economia solidária vão juntas com as de um comércio individualista pautado no lucro e na ganância. Talvez por isso a realização do sonho da paz se apresente gradual, com idas e vindas, avanços e retrocessos.

Mas tais condições não devem conduzir à descrença ou à desesperança. Há uma visão mais promissora e não menos realista, de lidar com a dualidade das condições do mundo e do ser. Se por um lado, testemunhamos uma acelerada deterioração das relações humanas rumo à planetarização de conflitos com níveis de agressividade

de e autodestruição nunca vistos, por outro lado, a voz e os apelos dos povos da terra se fazem ouvir como nunca e em toda parte: por um destino comum planetário, uma sociedade mundo, uma condição socioambiental sustentável. São exortações que estão na ordem do dia; o chamado para a paz mundial revela-se em todo o seu esplendor.

Ou seja, num mundo em grandes conflitos erguem-se grandes causas: os concílios do Vaticano prosseguem no espírito de renovação ecumênica, religiosos de forma geral se abrem à nova ciência, que por sua vez já expandem suas fronteiras para a espiritualidade, religião e ciência, pouco a pouco, se aproximam e, sobretudo, as diversas crenças, instituições pela paz e, religiões, se dispõem a dialogar na luta por uma causa comum.

Individualmente, é possível entrever uma unidade superior entre essas dualidades do espírito. Êxtases, estados alterados da consciência, iluminação e transcendência, consolidam-se mediante as provações cotidianas do caminho em horizontes terrenos. O buscador sincero vê-se frente a frente consigo mesmo para reconhecer e aceitar a ambivalência: anjo e demônio, tâtatos e eros, mas deseja se mover além para entregar-se na amplitude do amor, associando o ego à energia sagrada do seu ser, aproximando os polos, reconciliando-se.

O caminho requer coragem, abertura, rendição, despojamento e sobretudo, aceitação. Acolher as duas naturezas do humano pode não se traduzir, pura e simplesmente, por destruir a natureza inferior, mas aceita-la como participante da jornada. Como uma eterna “dança cósmica de Shiva”, que é ritmo, movimento, criação, destruição, e mudança contínua, desordens do espírito podem ser vistas como misteriosos presságios, sinais anunciadores de um novo tempo. Tudo pode ser encarado como um sentido de aventura onde riscos, instabilidades, dúvidas e medos, aparecem como favores secre-

tos, disfarçados em meio ao turbilhão do viver, aprender e transcender. Como dizia Nietzsche, “às vezes é preciso ter um caos dentro de si mesmo para poder dar à luz uma estrela fugaz”.

Não obstante em nossa sociedade ainda predominar a desconfiança e conflitos entre culturas e religiões, tais crises são como as dores do parto e um estado atual de coisas como a placenta em degeneração que ainda alimenta o embrião até o nascimento de uma nova ordem. Na fermentação de uma “cultura de paz”, velha e nova ordem, geração e decadência, acontecem juntas. Antagonismos e convergências progridem juntos e de certa forma são ainda inseparáveis. Como exemplos: políticas culturais de incentivo à paz e à cultura, à excelência do bem viver coletivo, são comumente impulsionadas pela indústria cultural dos mega-eventos (pela paz, pela biodiversidade, pelos direitos humanos) não obstante interesses econômicos centralizadores estarem em primeiro plano. As redes midiáticas e estilos editoriais da “sociedade do espetáculo” banalizam a cultura e a arte, parasitando a economia mundial com frugalidades descartáveis, mas nem por isso deixam de promover avanços transformadores da ciência espiritualizada, ou de noticiar uma vida espiritual mais poderosa, ou ainda, as boas literaturas.

Enfim, deparar-se com tamanha complexidade de luzes e sombras e perseverar na senda da espiritualidade, apoiando-se num Deus emancipador e transformador, requer sabedoria, desprendimento, liberdade e coragem. Coragem para lidar com os perigos como oportunidades, para si e para os outros, no caminho rumo à paz.

O que nos coloca nessa caminhada de liberdade é o investir corajoso, que ousa assumir riscos com despojamento e transparência. Há num romance de Carlos Castañeda ousada asseveração de coragem e transcendência: “não viva como uma garrafa de água, completa-

mente fechada, lançada ao mar ao sabor do medo e do sofrimento. Pegue essa garrafa, quebre-a, e deixe que seu conteúdo se misture, abertamente, com as águas do mar. É assim que você conhecerá a verdade e a imensidão da vida”.

As vozes desse “fórum-diálogos” que deram vez a este livro bem podem representar esse “render-se”, um despojamento de si para ir de encontro ao mistério do “outro”. Os desafios para uma nova ordem de coisas dão-se em torno desse “encontro de águas”. Em se tratando de um encontro trans-religioso e inter-religioso, as ressonâncias íntimas desse encontro abrem vias inusitadas.

Um grupo em sintonia de propósito que direta ou indiretamente se ampara na espiritualidade, avança em sinergia, produz-se um “mais além”. Sua força é vitalizada naquilo que os move juntos em diálogo – um “eu e um “tú” que se põem em unidade com o mundo. Louvor à Deus e serviço em formas variadas, vão juntas, estabelecendo uma unidade entre ação no mundo e transcendência. Nessa ontologia mística, a “potência de ser” do grupo traduz-se na grande questão: quem sou “eu” e quem és “tú”? Na abertura em diálogo inter-religioso com o “grande Ser”, o mergulho de si no divino do “outro” é uma convocação permanente à transcendência, a ganhos de consciência (autotransformação) via alternativas ampliadas de contato desse si mesmo com sua própria dimensão divina. Trata-se de um descobrir-se solidário à força de um grupo que solicita frequentemente e por ângulos diversos, esse encontro místico com o “Tú transcendente e eterno”, a experiencia de abraçar à Deus de todos os tempos e lugares.

Que essa construção de uma cultura de paz não se preste a sonhos visionários vazios, mas se alicerce na esperança por caminhos que ofereçam um sentido consistente de unidade no âmbito de um viver humano mais

seguro, justo e pacífico.

Essa publicação, vale dizer, é um pequeno passo, tímido talvez em que pese o campo de ação mais amplo do “fórum da diversidade religiosa de Pernambuco”. Formam um grupo de pessoas, ou porque não as chamar, pesquisadoras da alma humana, que vêm se reunindo periodicamente ao longo desses sete anos para refletir, dialogar, sobre as condições socioestruturais e morais de uma sociedade ainda violenta e opressora, destacando os perigos, percalços, alegrias e vislumbres de uma virada rumo a uma sociedade justa e pacífica. Em meio ao turbilhão, insurgem como atores e buscadores da paz, vozes identificadas em bondade, doação, esperança e fé.

Caro leitor, que este livro o ajude a manter a chama da paz acesa. Que essa paz seja susceptível de constituir um tesouro para o mundo. Se assim for, cada capítulo será como um mapa singular traçando possíveis caminhos, cenários visionários em torno da construção desse tão almejado sonho por uma cultura planetária de paz. Quem sabe possa facultar-lhe também algum sinal ou insight, como um guia pessoal para esse tesouro guardado em si mesmo. Nessa peregrinação, que a leitura de cada um desses mapas, cujas guias, advertências, metáforas e símbolos, são próprios de uma determinada época e cultura e sublinham a distinção de cada instituição e tradição espiritual aqui representada, forneçam diretrizes que o ajude nessa tão digna jornada. Essa é uma viagem espiritual por um oceano que abrange a todos nós. Que você, leitor, se sinta acolhido, como onda desse mesmo oceano, nessa experiencia mística de encontro com o “Absoluto” que nos habita. Que se permita navegar nesse mar em busca de seu tesouro.

Sergio Neves Dantas

*Professor de antropologia UFPE/DAM – Universidade Federal de Pernambuco/
Departamento de Antropologia e Museologia; participante do grupo de pesquisa
“Educação e Espiritualidade”, integrante da Assembleia Espiritual Local dos
Bahá’ís de Recife.*

Parte 01

Religiões e Espiritualidades

JUREMA *Sagrada*



JUREMA SAGRADA

Breve Histórico

A Jurema Sagrada é uma religião de matriz indígena do nordeste do Brasil. Provavelmente a tradição religiosa mais antiga do povo de terreiro preservada em funcionamento. Não se sabe ao certo qual etnia indígena descobriu seu uso ritual, afinal, faz-se religiosamente um vinho fermentado das entrecascas da árvore sagrada que dá nome a religião. Este enteógeno também chamado de Jurema, tem efeitos psicoativos transcendentais devido à grande presença da substância DMT – dimetiltriptamina. A perseguição por parte da Igreja à prática e uso da jurema pelos indígenas foi registrada pela primeira vez em documentações do Arquivo Histórico Ultramarino datados de 1741. Hoje, esta religião convive no meio urbano, transformada e adaptada aos processos históricos que a cercam, incluindo os sincretismos culturais com as tradições africanas e do catolicismo popular.

Visão de Mundo

A cosmovisão da Jurema centra-se na fé da existência de mundos espirituais chamados de Cidades e Reinos encantados. Lugares onde se encontram todo seu panteão espiritual – Índios (as), caciques, pajés, caboclos (as), mestres (as), trunqueiros (as), reis, príncipes e princesas etc. São sete as principais Cidades da Jurema: Jurema, Angico, Vajucá, Junça, Catucá, Manacá e Aroeira. Crer-se que estes espíritos ancestrais possam nos ajudar nas diversas situações da vida, nos orientando e contribuindo em nossa sabedoria e crescimento espiritual. Também é uma religião essencialmente de cura (dos males do corpo, dos males psicológicos e espirituais), conhecida como hospital do Nordeste, cumprindo um

papel fundamental na luta por sobrevivência de suas comunidades. O seu conhecimento das ervas compõe uma farmacopéia nordestina de grande potencial na medicina popular reconhecida hoje.

Principais Ensinaamentos

Esta tradição religiosa não é maniqueísta, portanto não tem em si a crença no bem ou no mal. Ela é uma tradição que propicia a união de seu povo contra os processos de racismo e intolerância sofridos desde a chegada dos colonizadores europeus nesta terra dos indígenas (o Brasil). Devido a estas características históricas, a Jurema assume uma postura própria de ensinamento espiritual. Cultuamos guerreiros, heróis do povo, líderes indígenas e quilombolas como Malunguinho. Sendo assim, para além da rasa observação de que cremos na caridade e na “evolução espiritual”, somos um grupo étnico que antes de tudo ensinamos a sobreviver perante a devastadora violência histórica.

Organização

O povo da Jurema se organiza em pequenos terreiros ou “quartinhos” em comunidades pobres do Nordeste. Tanto no sertão como no litoral pode ser encontrada. Em Recife e Região Metropolitana está presente em mais de 70% dos terreiros mapeados em 2010 pelo MDS.

Como contribui na construção de uma Cultura de Respeito e Paz?

A Jurema é uma religião de respeito e paz e contribui historicamente para estas duas questões. Por estar dentro das comunidades mais pobres, ela dá suporte para a diminuição da violência e o fortalecimento do respeito humano. Ajuda na orientação dos menos providos de família e condições sociais, ensinando o exercício do respeito cotidianamente, não tendo nela nenhuma res-

trição para a participação de quem quer que seja em seu corpo religioso. Assim sendo, qualquer indivíduo de outros credos, de qualquer condição social e orientação sexual será acolhido dentro da Jurema como um igual, um parente, um irmão, sem julgamentos. Este é o traço xenofílico desta religião, que tem como dogma principal o respeito a toda e qualquer diferença.

*Texto elaborado por:
Alexandre L'Omi L'Odò
Mestre em Ciências da Religião, Juremeiro e Coordenador do Quilombo Cultural
Malunguinho*

*Informações:
alexandreloomilodo@gmail.com
(81) 99525-7119*

CULTO NAGÔ de Pernambuco



CULTO NAGÔ DE PERNAMBUCO

Breve Histórico

O Culto Nagô em Pernambuco tem suas raízes ligadas aos Iorubas, de Oyó no tocante ao culto a Xangô, sendo chamado até pouco tempo por Xangô do Recife, e aos Egbá de Abeokutá, região de culto a Iemanjá, na Nigéria, tendo como referência o Sítio de Pai Adão, fundado por Tia Inez Fatunuké no final do século XIX, de onde descendem a maioria das Casas de Culto Nagô por via direta ou por adesão com influência em diversos estados e regiões. Bangbose Obitiko contribuiu com a organização do culto no Recife. Pai Adão foi para Lagos onde estudou a cultura ioruba e o culto a Orunmila/Ifá, falava fluentemente a língua ioruba. A grande maioria dos terreiros de umbanda e jurema, na região, que também cultuam os orixás, seguem o modelo da tradição Nagô Egbá.

Visão de Mundo

Seguimos a visão Ioruba na qual Olorum, Olodumare, Eledumare ou Olofin seria o Deus supremo, criador e proprietário do mundo e de todas as coisas por ele criadas. Criou a Terra feita totalmente de água e o Orum onde tudo existia e onde ele e seus filhos Orixás viviam. Olorum então mandou seus filhos, Obatalá e Oduduà, com o saco da criação para a Terra onde tudo foi por eles criado, terra firme e minerais, plantas, as diversas formas de animais e a humanidade para ocupá-la e dominá-la, devendo os seres humanos cuidar das criações e prestar culto aos orixás filhos sob a orientação de Orunmila/Ifá e fiscalização e observação de Exu, encarregado de levar a Olorum em nome dos Orixás as oferendas e pedidos. Oduduà criou a terra firme, as plantas e animais. Obatalá criou, a partir do barro, os seres humanos que deveriam

viver na terra, após a morte devolver os elementos que compunham seus corpos à terra e retornar ao orum, para de lá retornarem nascidos de mulheres, na terra ou permanecerem no Orum.

Principais Ensinamentos

Todos os conhecimentos sobre o culto são transmitidos pela oralidade, daí a importância da participação e convivência com a comunidade religiosa, onde a observação e escuta da palavra são fundamentais, o silêncio por si só não é negro ou nagô, mas ele também é visto como ensinamento. Os cânticos e rezas vão aprendidos no espaço de liturgia, o preparo dos alimentos e oferendas dos Orixás, sempre sob a responsabilidade e observação dos homens ou mulheres responsáveis. Posturas e maneiras de vestir, respeito às hierarquias e obediências aos preceitos e fundamentos básicos são transmitidos, observados e fiscalizados a rigor, para que tudo saia a contento e venha aceito pelas divindades, Orixás.

Organização

Os Orixás são cultuados em espaço próprio separados dos ancestrais em momentos distintos. O culto nagô é liderado tanto por homens quanto por mulheres. No Egbá é patriarcal, um Babalorixá, com o apoio de uma Mãe, Iyálorixá, apoiados por seus auxiliares diretos, antigamente o Sipa, hoje um Ogan. Uma Iakekeré ou uma ekedji mais velha. A Iyabassé é a chefe da cozinha. O Ogan mais velho conduz os cânticos sob a orquestra de tambores tocados por Ogans. Os iniciados mais novos são Iyawos e os mais velhos Egbomis, não iniciados são Abians. Festas públicas são chamados de Toque.

Como contribui na construção de uma Cultura de Respeito e Paz?

Observação do respeito e convivência pacífica com

outras tradições religiosas, cristãs ou não, respeitando o direito que cada um tem de escolher ou não uma religião. Busca de convivência fraterna e pacífica com as pessoas da comunidade de pertencimento e seu em torno, observando o princípio de que Deus é único, não importa o nome que a Ele se dê. Lembrando sempre que o Terreiro sempre foi e será espaço de resistência e acolhimento, reciprocidade e apoio nas adversidades. O alimento do terreiro é alimento para a comunidade, não só durante as festividades, mas também no dia a dia. O remédio natural do terreiro é remédio para a comunidade, quando necessário.

*Texto elaborado por:
Obadeyibo - Pai Lupércio de Oxalá*

*Informações:
lupercioromulo@yahoo.com.br
(81) 98408-5015
(81) 99927-1611*

CANDOMBLÉ ANGOLA/KONGO

Tradição Bantu



CANDOMBLÉ ANGOLA/KONGO

TRADIÇÃO BANTU

Breve Histórico

O Candomblé de Nação Angola/Kongo em Pernambuco tem suas origens ligadas aos povos Bantu¹, tendo início no século XVII com nome de Calundu², e referenciando as várias raízes (Jindanji), existentes dentro da nação (Mbutu), de onde descendem a maioria das Jinzo do nosso estado e também em vários outros estados e regiões.

O candomblé³ de congo-angola compõe-se de cinco grandes famílias sendo a primeira delas a família de Maria Neném ou Sra. Genoveva do Bonfim⁴, seguida de Gregório Makwende, depois da família Amburaxó do Sr. Miguel Arcanjo de Souza, da família de Mariquinha Lembra, e da família Goméia do Sr. Joãzinho da Goméia⁵ o Tatá Londirá.

Visão de Mundo

Na cosmovisão Bantu, Nzambi Mpungu ou Zambia-pongo, ou simplesmente Nzambi, é o Deus supremo. O criador da natureza deificada, personificada nas divindades chamadas Minkisi (Plural de Nkisi).

¹ É uma reconstrução do protobanto com o significado de pessoa, usado para identificar os povos da África subsaariana que falavam línguas bantu.

² Calundu foi um termo genérico utilizado para designar atividades religiosas de várias índoles, porém de origem africana em oposição às práticas católicas. A palavra calundu é de origem Bantu. "Kalundu significa obedecer a um mandamento, realizar um culto, invocar espíritos, com músicas e danças."

³ Candomblé que é também palavra Bantu do Kimbundu "Kandombe", remete especificamente ao local e ao culto de práticas religiosas afro-brasileiras.

⁴ As Jindanji, Tombeici, Tumba Junsara e Bate Folha são oriundas da família de Maria Neném.

⁵ Esta raiz tem o maior número de casas descendentes no estado de Pernambuco e região Nordeste.

Principais Ensinaamentos

Tudo é transmitido via oralidade, a observação e escuta da palavra são fundamentais. As Muibu (cânticos) e as Mambu/Jingorosi (rezas) são ensinados dentro da comunidade religiosa, desde o preparo dos alimentos e oferendas para os Minkisi, posturas e maneiras de vestir, respeito às hierarquias e obediências aos preceitos e fundamentos básicos são transmitidos, para que tudo saia a contento e venha aceito pelos Minkisi/Mukixi, sempre sob a responsabilidade e observação de um mais velho/a.

Organização

Os Minkisi ou Mukixi são cultuados em espaço próprio separados dos Bakulo em situações diferentes. Na Tradição Bantu, tanto Mulheres como Homens, ou os dois podem ser líderes religiosos, estes são chamados Tata ria Nkisi, ou Mama ria Nkisi, Nengua Akixi ou um Nganga Akixi, com o apoio de uma Mama Ndengue ou Tata Ndengue (Mãe e Pai Pequeno), e são assessorados diretamente pelos seus Kijingu (Cargos), como os Tata Kambundu, Tata Poko, as Makota que são as mais velhas/os não rodantes⁶. A Kota rifula é responsável em preparar as comidas sagradas, os Jingoma (Atabaques) são tocados pelos Kixikarangoma ou Tumbundu, os não iniciados são chamados de Ndumbe, os iniciados mais novos são Azenza (Plural de Muzenza), e os mais velhos são chamados de Pange. As nossas festas públicas são chamadas de Jamberesu ou Kizomba.

Como contribui na construção de uma Cultura de Respeito e Paz?

Os Povos de Matriz Africana em geral tentam viver pacificamente com outras tradições religiosas, sejam

⁶ Médiuns de não “incorporação”

elas cristãs ou não, respeitando o direito que cada um tem de escolher ou não uma religião. Pregamos o amor, a paz, humildade, Caridade e fraternidade. Acreditamos sim que Deus é único, independente do nome que recebe nas variantes linguísticas.

Simbolos



Nkisi Nkondi

A função principal de um nkondi é afirmar juramentos ou proteger aldeias e outros locais de bruxas ou malfeitores.

Uma imagem do Nkisi era usada nas sessões jurídicas e aquele que mentisse sob o juramento diante do dele morria na hora em que ele era colocado nas mãos da pessoas que mentiu.



Nkisi Nkosi

O mesmo que "Leão" na língua kikongo dos povos Bakongo. Divindade Bantu de origem Kongolesa, é comparado erroneamente ao Orisá Ogum dos Nagô Yorubá. Divindade (Hamba) com seus campos de atuação na natureza e universo, ligados a agricultura, guerras, forjar o ferro através do fogo representando as mudanças do homem, pastorear animais, estradas e caminhos no sentido de abrir, andar para frente, ir em frente e também é muito admirado e louvado por sua coragem, bravura e determinação, em defender seus filhos e também os fracos e indefesos.

Texto elaborado por:

Tata Kambundu Francisco Tabalasilimbe

Representante do Candomblé de Angola/Kongo - Ndanji (Raiz) Goméia. Especialista em Governança de TI Pesquisador da História e Linguística dos Povos Bantu.

Assessor de Comunicação da REDE ACTP

Informações:

Conselheiro Estadual de Direitos Humanos - Sociedade Civil

Face: <https://www.facebook.com/francisco.tabalasilimbe>

Instagram: @francisco_tabalasilimbe

E-mail: fsouzant@gmail.com

Contato: (81) 9.9944-6413

JUDAÍSMO



JUDAÍSMO

Breve Histórico

Uma das religiões mais antigas do mundo, sendo a primeira monoteísta, o judaísmo surgiu das crenças do povo de Canaã, há mais de 3.000 anos e está estreitamente ligado à história do povo judeu. Apesar de ter dogmas ditos na Torá (principal texto sagrado), a história do judaísmo sempre passou por adaptações, com uma filosofia que caminha junto à história humana e suas descobertas, que possibilita assim, novas formas de enxergar desde o divino até a forma de vivência religiosa e espiritual frente a sociedade, desde a era dos patriarcas (Abraão, Isaac e Jacó) com um judaísmo sacerdotal, até a atualidade pós-iluminismo com diversas vertentes, com novas visões e teologias, como o monismo do judaísmo reformista e até a visão não-teísta do judaísmo humanista.

Visão de Mundo

Ao contrário de outros credos, o judaísmo não crê numa relação vertical entre o divino e o ser humano, em que D'us estaria acima de suas criaturas; mas sim numa relação horizontal. Para o judaísmo, D'us é a unidade que dá origem ao universo e suas criaturas são co-criadoras que ajudam no processo do desenvolvimento universal, sendo cada uma, também responsável pela continuidade do universo e portadora de parte do divino em si. Desta forma, dentro da humanidade, cada pessoa tem sua missão existencial neste plano e tem sua importância dentro de sua individualidade, mas que para cumpri-la deve trabalhar em unidade para dar continuidade e trazer a melhoria necessária ao mundo em que vivemos, que chamamos esse ato de "tikun olam" do hebraico que significa literalmente "reparação do mundo".

Principais Ensinamentos

As três crenças centrais do judaísmo são: monoteísmo, identidade e aliança. O judaísmo crê na existência de D'us como unidade criadora e originária do universo, portanto é onipotente, pois tudo está sob seu controle; infinito e eterno pois não podemos estipular seus limites e nem seu tempo de existência. Identidade se relaciona com o fato de cada ser ter sua missão existencial e deve aceitar-se e usar dessa individualidade para trabalhar em conjunto com cada ser vivo dentro de suas diferenças para a continuação do universo, sendo essa a aliança de cada ser com o divino.

Organização

As comunidades judaicas possuem diversas formas de organização, desde federações a clubes. No tratamento da religião em si e sua prática, a principal instituição é a sinagoga, que é geralmente comandada por um(a) rabino(a) e um(a) cantor(a) litúrgico(a), chamado(a) de chazan ou chazanit. Vale lembrar que uma sinagoga pode existir sem essas lideranças: os serviços religiosos podem ser conduzidos por pessoas leigas, no todo ou em parte. Não é incomum que uma sinagoga não tenha um(a) rabino(a). No entanto, essas lideranças são membros valiosos da comunidade, fornecendo orientação e educação.

Como contribui na construção de uma Cultura de Respeito e Paz?

O judaísmo, desde sua base, prega a importância de cada ser vivo em sua individualidade para a existência de todo o cosmo. Cada ser carrega em si parte do divino e deve ser abraçado como foi concebido. Existem diversos princípios dentro do judaísmo que mostram a união entre valor da singularidade e da humanidade como um

todo. Pode-se resumir esses princípios em quatro.

O primeiro nos diz que todos somos criados "B'Tzelem Elohim", à imagem de D'us. Esta é uma ideia simples e profunda que deveria guiar nossas interações com todas as pessoas. Se vemos cada pessoa como criada à imagem de D'us, podemos ver humanidade e dignidade em todos. A verdadeira inclusão é construída sobre este fundamento.

O segundo: "V'Ahavta L'Reiacha Kamocha", ame o seu próximo como a si mesmo. O rabino Hillel afirmou certa vez que esse era o valor fundamental da Torá. Começa com amar a nós mesmos. Devemos amar e aceitar nosso todo e criar a capacidade de estender esse amor e aceitação aos outros.

O terceiro é tzedek (justiça). No livro de deuterônimo, último da Torá, se encontra um trecho que diz "Tzedek, Tzedek Tirdof" (justiça, justiça, debes seguir). O termo "tzedek" é dito duas vezes para lembrar que devemos perseguir duas formas de justiça: a para nós mesmos e a do próximo.

Este último termo é interpretado pelo judaísmo como justiça social. Uma das formas de atingirmos o ideal de tikun olam na concepção judaica é a extinção das desigualdades sociais em todos os aspectos. O oprimido, o menos afortunado, sempre devem estar em primeiro plano.

O quarto e último princípio é "Avadim Hayinu" (nós fomos escravos). Anualmente em Pessach, a páscoa judaica, é lembrado de quando os judeus foram escravizados no Egito e viveram sobre opressão. Hoje, são livres. Infelizmente, muitos grupos na sociedade ainda vivem oprimidos. Até nós mesmos em nossa individualidade passamos por nossos próprios "Egitos", por isso é lembrado aos judeus que, um dia, já foram escravos e é dever, como judeus, como humanos, lutarem para que qualquer grupo ou pessoa que estejam em seus "Egitos", possam

se libertar e traçar suas jornadas, para assim atingirmos, como humanidade, a reparação do mundo e a chegada da paz, tikun olam.

Texto elaborado por:

André Liberman

Membro do World Congress of GLBT Jews: Keshet Ga'avah; Observatório Judaico dos Direitos Humanos no Brasil e estudante de Direito da UNICAP

Informações:

Centro Israelita de Pernambuco

(81) 3227-0418

BUDISMO



BUDISMO

Breve Histórico

O Budismo surge há cerca de 2.600 anos, no norte da Índia, a partir da iluminação do Buda Sakyamuni. Ele nasceu como o príncipe Sidarta Gautama e estava destinado a ser um rei, sucedendo seu pai. No entanto, percebendo a ilusão na qual vivia e impelido pela busca da verdade, decidiu seguir uma vida de renunciante. Empreendeu uma busca interior, através do silêncio e da contemplação, a qual culminou na compreensão da natureza última da realidade. Por isso recebeu o nome de Buda - “aquele que despertou”. O Buda Sakyamuni passou o resto de sua vida proferindo ensinamentos e reuniu uma grande comunidade de seguidores. Com sua morte essa comunidade seguiu com a preservação dos ensinamentos, na forma de diversas escolas que se expandiram por todo o oriente, originando os diversos ramos da tradição budista. Hoje o Budismo é considerado a quinta maior religião do mundo, em número de adeptos, com ascendência, inclusive no ocidente.

Visão de Mundo

No Budismo, que é uma tradição não-teísta, a percepção da realidade fundamenta-se na compreensão da vacuidade, ou seja, não se considera o mundo sólido, na forma como se apresenta, mas como sendo inseparável dos olhos do observador. Assim, toda experiência corresponde à coemergência daquilo que percebemos como uma dimensão externa, e daquilo que trazemos enquanto estruturas internas – emoções, referenciais e visões de mundo.

Principais Ensinaamentos

Entre os principais ensinamentos que o Buda ofereceu estão: os “Quatro Selos” e as “Quatro Nobres Verdades”.

Os “Quatro Selos” explicam a natureza da realidade, verdades baseadas na sabedoria – a visão correta das coisas. São eles: 1. Todas as coisas compostas são impermanentes; 2. Todas as emoções são sofrimento; 3. Todas as coisas são desprovidas de existência intrínseca; e 4. O nirvana (a iluminação, a verdadeira paz) está além dos conceitos. Todas as ações e atitudes recomendadas pelos ensinamentos budistas tomam por base essas quatro verdades ou selos.

As “Quatro Nobres Verdades” explicam a nossa situação, onde a primeira nos mostra que todos os seres estão imersos em ciclos de felicidade condicionada e sofrimento; a segunda indica que as condições que originam essa experiência cíclica são construídas, não absolutas; e, portanto, podem ser dissolvidas, como nos diz a terceira nobre verdade; a quarta, finalmente, aponta para um caminho, no qual as causas dos ciclos de felicidade e sofrimento podem ser dissolvidas. Este caminho é conhecido como “O Nobre Caminho de Oito Passos”, que pode ser resumido da seguinte forma: tendo como base uma motivação altruísta, evitamos causar sofrimento aos seres e a nós mesmos; buscamos trazer benefícios e dirigimos nossa própria mente com lucidez.

Organização

Aqui no Brasil, entre os vários centros budistas, existe o Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB) criado em 1986, em Porto Alegre, pelo Lama Padma Samten, ordenado lama na linhagem Niyngma do Budismo Tibetano, em 1996, pelo mestre tibetano Chagdud Tulku Rinpoche. Ao longo desses anos, a atividade do lama deu origem a várias outras sedes do CEBB no Brasil, bem

como comunidades rurais (Aldeias CEBB), que se dedicam aos estudos e à prática dos ensinamentos budistas. Informações sobre toda essa atividade pode ser acessada no nosso site: www.cebb.org.br.

Como contribui na construção de uma Cultura de Respeito e Paz?

Dentro do budismo a cultura de paz surge como um meio hábil extraordinário para benefício de todos os seres – a começar por nós mesmos. Neste sentido, a melhor forma de relacionamento com todos os seres é a prática da bondade, amor e compaixão. Cuidar dos outros é a única forma de garantir o nosso próprio bem-estar, pois todos nós estamos interligados, dependemos uns dos outros, habitamos a mesma casa – a Terra. Essa compreensão de cultura de paz recomenda que devemos estabelecer relações positivas conosco, com os outros seres, com o ambiente social e com o ambiente natural.

Símbolos



Altar, com as tankas, estátuas de Budas, fotos dos mestres da linhagem, velas, tigelas de oferendas, escrituras.



Relíquias do Buda e de outros mestres tibetanos, altamente realizados, que são recolhidas após a sua passagem.



Sino (representando a sabedoria da vacuidade) e o Dordje ou Vajra (representando os meios hábeis, que é compaixão).



Bandeiras de oração, com mantras, a serem espalhados pelos ventos.



Sino para prática de meditação.



Almofada de meditação e japa-mala, para contabilizar a acumulação dos mantras.



Meditante em postura de lótus completa.

*Texto elaborado por:
Regina Buccini, Vinicius Paes Barreto, Sandro Câmara e Flórida Cavalcanti,
alunos do Lama Padma Samten, fundador do CEBB – Centro de Estudos Budistas
Bodisatva.*

*Informações:
Visite nosso site: www.cebb.org.br – ver CEBB Recife e CEBB Darmata, em Pernambuco.
Contatos: cebbrecife@gmail.com - cebbdarmata@gmail.com
(81) 98879-7744 - Flórida*

ISLAMISMO



Fotos: Rayane Marinho Leal

C-ISLAM

CENTRO CULTURAL ISLÂMICO IMAM SADEQ (AS)

Filiado ao Centro do Imam Al'Mahdi de Diálogo no Brasil

Breve Histórico

O Centro Cultural Islâmico Imam Sadeq, C-Islam, é uma entidade islâmica organizada por seguidores da escola xiita Jaffarita, filiada ao Centro do Imam Al'Mahdi de Diálogos no Brasil, organismo que representa várias entidades islâmicas sediadas no Brasil e no mundo. O C-Islam na verdade faz parte de uma imensa rede global de escolas, mesquitas e centros islâmicos que vêm trabalhando para divulgar a religião islâmica, dado o intenso crescimento do Islamismo em todos os continentes. Estamos falando de uma cadeia de ações e empreendimentos que só na América Latina somam mais de 50 entidades que interagem em torno de um objetivo comum. Atualmente, o C-Islam, que já teve sede em Olinda, retornou às suas raízes históricas, voltando a manter atividades em Belo Jardim, cidade Agrestina na qual os muçulmanos xiitas iniciaram as suas reuniões oficiais ainda nos anos 2000.

Em Pernambuco, também há entidades compostas por muçulmanos seguidores de escolas sunitas, que têm como referencial principal o histórico Centro Islâmico do Recife, entidade islâmica fundada em 1997 por brasileiros e imigrantes árabes, localizada no bairro recifense da Boa Vista.

As raízes muçulmanas no Brasil remontam a época da colonização europeia. Já nas frotas marítimas lusitanas e espanholas que se dirigiram à América do Sul havia muçulmanos que colaboraram com a empreitada ibérica ocupando funções de importância vital para a concretização dos projetos de “descobrimento” e instalação de

negócios coloniais no Brasil. Com o manto negro da escravidão imposta pelos europeus a africanos de várias etnias, chegaram à Pindorama incontáveis muçulmanos de várias “nacionalidades” que aqui desembarcaram, e protagonizaram capítulos importantes de resistência, combatendo a partir de princípios islâmicos a opressão e o cárcere, sendo famosas as revoltas dos malês que tiveram o seu ápice em 1835, nas ruas de Salvador, antiga capital colonial.

Já nas passagens dos séculos 18 e 19, muçulmanos, árabes principalmente, chegaram ao Brasil, fugindo de conflitos regionais e da “decadência” do império otomano, batalhando pelo pão com demais expatriados de várias outras origens, ocupando espaços, sobretudo, no Centro-sul. A partir da década de 1990, o fenômeno se reescreveu reinventado, só que marcado por mais um capítulo da chamada diáspora africana, trazendo, de volta ao nosso país, muçulmanos do oeste da África, sobretudo, de Guiné, Senegal, Nigéria, Camarões, e, mais tarde, por muçulmanos de países árabes que fugiam das guerras impostas pelo Ocidente na sua sede insaciável pelo petróleo.

Visão de Mundo

A cosmovisão islâmica tem por base o monoteísmo abraâmico que nos auxilia na construção de uma reflexão sobre o Universo como parte da inesgotável criatividade de Deus, Único; um imenso complexo cósmico composto por criaturas físicas e sobrenaturais, dotadas de capacidades inteligíveis esculpidas pelos desígnios do seu Criador, devendo as mesmas buscar recursos intelectuais e mentais para a consolidação de um categórico e pleno convívio, cada vez mais progressista e lúcido (Sagrado Alcorão, 37:06-07).

As representações organizacionais erguidas pelos seres humanos dotados da tal capacidade inteligível

orientada por Deus devem se basear nos Seus ensinamentos, fator fundamental para a resolução de todos os impasses (Sagrado Alcorão, 31:02-03). Assim, cabe aos humanos lembrarem que as suas feitura devem estar dispostas em modelos governamentais nos quais a vitalidade essencial dos prescritos enfáticos e “sugestões” de Deus sejam a referência primordial.

Apesar de os humanos muitas vezes vangloriarem-se de deter o raciocínio como um privilégio especial ofertado por Deus, o que os tornaria seres num patamar aparentemente elevado, devem ser capazes de entender que representam apenas insignificante porção do grande Universo. Assim, elaborar planos e apreciar os méritos do planejamento, devem sempre girar em torno de uma política fundamentada na convicção sobre a existência de uma Vontade que comanda a nossa existência material, de uma “Mente Única” que mantém as coisas num movimento ordenado. As maravilhas do nosso mundo e os segredos da vida são grandes demais para serem o fruto de um acidente ou de um simples acaso, devendo mesmo existir no universo uma grande força detentora de um protagonismo enfático, referencial e permanente.

“Deus foi Quem vos submeteu o mar para que, com o Seu beneplácito, o singrassem os navios e para que procurásseis algo de Sua bondade, a fim de que Lhe agradecêsseis. E vos submeteu tudo quanto existe nos céus e na terra, pois tudo d’Ele emana.

Em verdade, nisto há sinais para os que meditam”
(Alcorão 45:12-13)

Principais Ensinamentos

O Islamismo, seja qual for a escola, expressa o seu dogma em alguns fundamentos principais: fé em Deus e na sua Unicidade, na convocação para a sua adoração, na crença na eternidade, na revelação e no profetismo, bases de todas as mensagens divinas que os profetas anunciaram à humanidade. Aliado a isso o Islam estimu-

la a prática do bem de todas as formas pensáveis, confirmando a excelente moral e a orientação da sociedade humana, a instituição da justiça e do direito de resistir à opressão e à corrupção.

Organização

Na crença islâmica, Muhammad Ibn Abdullah (SAAS), o último profeta da linhagem semítico-monoteísta, foi um artífice que nos possibilitou representações sacro-históricas servidoras aos muçulmanos na configuração dos seus status personalis individuais e coletivos. Por isso no Islam há duas principais estruturas matrizes que servem de base para a formação de estruturas organizacionais e governamentais, uma baseada na pureza intocável da linhagem familiar do profeta Muhammad (SAAS), comumente chamada de xiismo, ou seja, alicerçada no sentimento de que os sucessores da missão profética deveriam ser pessoas ligadas a Muhammad (SAAS) por laços sanguíneos, compreendendo escolas que congregam por volta de 10% a 15% da população muçulmana no mundo; e a outra baseada simplesmente nas falas, atos, recomendações e abstenções do Profeta (SAAS), comumente conhecida como sunismo, corrente político-filosófica que congrega a maior parcela de muçulmanos no planeta.

No Ocidente, se dissemina midiaticamente a ideia de que xiitas e sunitas são veementemente separados e rivais. Trata-se de algo tão equivocado quanto dizer que água pode ser facilmente substituída pelo óleo para suprir o consumo humano, dada a sua reconhecida escassez na natureza. Na verdade, há mais nuances conciliadoras e semelhanças do que distinções reais entre as doutrinas xiita e sunita.

Como contribui na construção de uma Cultura de Respeito e Paz?

O Islam e todas as suas escolas de jurisprudência disseminam ensinamentos que têm a justiça como fator de direção lógica das ações humanas, advertindo contra o apoio à tirania, pois aquele que concorda com os procedimentos do opressor é seu cúmplice na tirania e na ruína da justiça. Imam Ali ibn Ab'Taleb (AS) falou certa vez: "O tirano, seu assistente e seu condescendente são cúmplices", sendo dizeres que nos fazem entender perfeitamente que Deus, Supremo, é justo e ordena à justiça. Não admite a opressão e a tirania ou contradições nas regras que prezam pela igualdade e pela prudência no trato entre as pessoas.

Assim, a conexão da Justiça com a crença na Unidade são qualidades completas que devem ser reforçadas educativamente entre os fiéis muçulmanos para o melhor aprimoramento nas relações comunitárias que podem ser sintetizadas em algumas atitudes válidas:

- a paz é a essência de todas as ações, e deve imperar a partir de atos puros e sinceros dos entes que têm o Islam como o seu lastro comportamental;
- só há prosperidade para mim se houver para o meu vizinho, pois a pobreza e a desigualdade maculam a dignidade da comunidade islâmica devendo ser combatidas;
- a bondade só se manifesta na prática, num processo educativo que a torne praxe no seio da comunidade muçulmana;
- o tirano deve ser varrido da sociedade com todas as forças, seja pelo esforço em ajudá-lo a reconhecer os equívocos contidos nas suas ações, seja pela força da alma coletiva que tem a obrigação de restituir a aura da justiça e da paz;
- a igualdade é uma prescrição corânica, assim, um ditame de Deus Único que jamais pode ser desprestigiado, nos lembrando o movimento sociopolítico orientado

por Ele e liderado pelo profeta Muhammad (SAAS) onde homens, mulheres, árabes e não-árabes, livres e cativos, nativos e estrangeiros, buscaram juntos a igualdade na primeira grande revolução sociopolítica já vista na história.

- a busca exacerbada por bens materiais muitas vezes divide os humanos, gera abusos e desigualdade; assim, a maior riqueza está em se submeter aos ensinamentos de Deus, nos quais se encontram os segredos de uma vida íntegra, plena e justa.

“Aformoseou-se, para os homens, o amor dos haveres apetitosos: as mulheres e os filhos, os quintais acumulados de ouro e prata, os cavalos assinalados e os rebanhos e os campos lavrados. Isso é o gozo da vida terrena. Mas junto de Allah está o aprazível retorno”
(Sagrado Alcorão, 03:14)

FONTES

ABDALATI, Abdullah. **Islam em Foco**. São Bernardo do Campo: CDIAL, 2012.

AL-KHAZRAJI, Taleb Hussein. **Islam em seus princípios**. Tradução de Aída Rumi. 2ª ed. São Paulo: Centro Islâmico no Brasil, 2004 (Da orientação do Islam; 1).

NASR, Dr. Helmi. **Tradução do Sagrado Alcorão**. Estado do Kuwait, 2015.

SIGLAS

SAAS: “Que a paz e bênçãos de Deus estejam sobre ele”.

AS: “As bênçãos de Deus sobre ele”.

*Texto elaborado por:
Eduardo Santana*

*Informações:
- C-Islam - Centro Cultural Islâmico Imam Sadeq:
Facebook: www.facebook.com/CCIISolinda
E-mail: cciis@outlook.com
- CIR – Centro Islâmico do Recife:
Facebook: www.facebook.com/islamrecife
Endereço físico: rua da Glória, 353 – Boa Vista – Recife
Fone: (81) 3423 1393*



SEDE BAHÁ'Í

FÉ
Bahá'í



A FÉ BAHÁ'Í

Breve Histórico

A Fé Bahá'í é a mais recente das religiões independentes do mundo. Seu fundador, Bahá'u'lláh (1817-1892), é tido pelos bahá'ís como o mais recente na linha de Mensageiros de Deus que se estende por um passado que vai além daquele do qual se tem registro e inclui Krishna, Abraão, Moisés, Zoroastro, Buda, Jesus Cristo, Muhammad e O Báb.

Bahá'u'lláh significa “A Glória de Deus”, em árabe. Ainda jovem tornou-Se famoso por seus serviços aos pobres e por sua sabedoria. Bahá'u'lláh é o Mensageiro de Deus para esta Era e o Prometido de todas as religiões, Cujo objetivo é a unificação e a fraternidade entre todas as religiões, raças e nações do mundo e a espiritualização do caráter humano. O Báb (1819-1850), que significa “A Porta” foi precursor de Bahá'u'lláh e representou um portal simbólico entre as Eras passadas das profecias e uma nova Era de cumprimento para a humanidade que testemunharia a unificação de toda a raça humana.

Visão do Mundo

A mensagem central de Bahá'u'lláh para a humanidade neste Dia é a da unidade e da justiça. “A mais amada de todas as coisas, a Meu ver, é a justiça”, escreveu Ele, e “A terra é um só país, e os seres humanos seus cidadãos”. Ele afirmou ainda que “O bem estar da humanidade, sua paz e segurança são inatingíveis a não ser que, e até que, sua unidade seja firmemente estabelecida”. Esta é a prescrição de Deus, o Divino, o Médico Todo-Conhecedor, para nosso mundo enfermo.

Bahá'u'lláh ensinou que todas as grandes religiões advêm de uma mesma fonte divina. São partes de um único processo histórico que leva a humanidade de seu início até a civilização global que os bahá'ís acreditam ser inevitável no decorrer da vida humana.

Principais Ensinamentos

Bahá'u'lláh desenvolveu nos Seus escritos um modelo de sociedade onde a base moral para as relações e instituições humanas advêm dos ensinamentos éticos e espirituais revelados à humanidade pelos Fundadores das religiões universais. Nas Suas obras, discorre sobre uma ampla gama de assuntos que vão desde temas sociais, como a harmonia entre as raças, a igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres, a eliminação de toda espécie de preconceitos e a necessidade de um idioma auxiliar internacional, até questões eminentemente morais e espirituais, tais como a noção de Deus, o valor da virtude, a imortalidade da alma, a finalidade da vida, o sentido da fé e o papel das sucessivas revelações divinas como força motriz da civilização.

Organização

Na Fé Bahá'í não existe clero ou autoridade individual. O conselho administrativo internacional bahá'í é chamado de Casa Universal de Justiça. Trata-se de um corpo composto de nove membros eleitos a cada cinco anos pelos membros dos conselhos administrativos nacionais (Assembleias Espirituais Nacionais) de todo o mundo. Sua Sede permanente está localizada no Centro Mundial Bahá'í em Haifa, Israel.

Os corpos administrativos eleitos cuidam dos assuntos da comunidade bahá'í no nível nacional, regional e local. Essas instituições guiam o desenvolvimento da comunidade bahá'í. Os membros eleitos não têm au-

toridade espiritual ou privilégios.

Como contribui na construção de uma Cultura de Respeito e Paz?

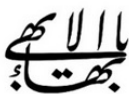
A Comunidade Bahá'í ocupa-se em aprender como ela pode melhor contribuir para o processo civilizatório, através de um esforço coletivo para estabelecer um padrão de atividade e uma estrutura administrativa que incorporem o princípio da unicidade do gênero humano e as convicções em que ele se fundamenta, algumas das quais são aqui mencionadas a título de ilustração:

- a alma humana não tem gênero, raça, etnia ou classe, fato que torna intoleráveis todas as formas de preconceito, sendo uma das mais relevantes a que impede as mulheres de realizar seu potencial e de se engajar em vários campos de empenho ombro a ombro com os homens;
- o princípio da eliminação de todas as formas de preconceitos tem a finalidade de direcionar os esforços humanos em prol do progresso e bem-estar da humanidade, e visa combater toda forma de discriminação seja ela de raça, pátria, credo, classe social, entre outras. É também um dos considerados pré-requisitos para a "busca individual da verdade";
- a principal causa do preconceito é a ignorância, a qual pode ser eliminada através de processos educacionais que tornem o conhecimento acessível a toda a raça humana, assegurando que não se torne propriedade de poucos privilegiados;
- ciência e religião são dois sistemas complementares de conhecimento e prática através dos quais os seres humanos passam a entender o mundo e através dos quais a civilização avança;
- religião sem ciência logo degenera em superstição e fanatismo, enquanto ciência sem religião torna-se instrumento de puro materialismo;
- a verdadeira prosperidade, fruto de uma coerência di-

nâmica entre requisitos materiais e espirituais da vida, ficará mais e mais fora de alcance enquanto o consumismo continuar a agir como ópio para a alma humana;

- a justiça, como faculdade da alma, habilita o indivíduo a distinguir a verdade da falsidade e guia a investigação da realidade, tão essencial para que crenças supersticiosas e tradições obsoletas que impedem a unidade sejam eliminadas;
- quando adequadamente aplicada a questões sociais, a justiça é o único e o mais importante instrumento para o estabelecimento da unidade;
- o trabalho executado em espírito de serviço aos semelhantes é uma forma de prece, um meio de adoração a Deus.

Com tais pensamentos, a Comunidade Bahá'í é inspirada a se tornar ativamente engajada em tantos aspectos da vida contemporânea quanto possíveis, colaborando, conforme seus recursos permitem, com um número crescente de movimentos, organizações, grupos e indivíduos, estabelecendo parcerias que procuram transformar a sociedade e promover a causa da unidade e do bem-estar humano, e contribuir para a solidariedade mundial.



"YA BAHÁ'U'L-ABHÁ"



RINGSTONE SYMBOL

Símbolos

01

02

1) O máximo Máximo Nome é representado em uma caligrafia árabe, simboliza o Máximo Nome de Deus

através da frase "Yá Bahá'u'l-Abhá" (ی‌ه‌ب‌آ‌ل‌ء‌ا‌ه‌ب‌ا‌ی), que é usualmente traduzido como "Ó Tu, Glória do Senhor Mais Glorioso!" Esta caligrafia foi originalmetne criada por um Bahá'í (Mishkín Qalam) nos primeiros anos da religião, e posteriormente adotada por Bahá'ís de toda parte. Os Bahá'ís costumam colocá-la em suas casas. É também utilizado em anéis. É um dos símbolos mais reverenciados pelos Bahá'ís e por esse motivo não é utilizado casualmente.

2) Criado por `Abdu'l-Bahá , o símbolo da pedra é o símbolo mais comumente utilizado em anéis por Bahá'ís. A linha inferior representa a humanidade, a linha do centro representa os Manifestantes de Deus e a superior é a linha de Deus. A linha que corta verticalmente as três simboliza o Espírito Santo, que une os três reinos. As duas estrelas, uma de cada lado do símbolo, representam os dois profetas da era bahá'í, o Báb e Bahá'u'lláh.

*Texto elaborado por:
Comunidade Bahá'í de Recife*

*Contato:
Visite nosso site: www.bahai.org.br ou www.bahai.org
E-mail: ael.recife@bahai.org.br - info@bahai.org.br*

IGREJA CATÓLICA

Apostólica Romana

Foto: Rayane Marinho Leal



IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

Breve Histórico

A partir dos ensinamentos de Jesus Cristo, e com a sua despedida, os Discípulos – em número de umas 120 pessoas – se reúnem em Jerusalém, para aguardar a manifestação do Espírito Santo, a qual acontece na Solenidade Judaica de PENTECOSTES. Assim nasce a Igreja Cristã. Graças ao Apóstolo Paulo, a Igreja, ainda uma pequena comunidade em Jerusalém e em Antioquia da Síria, se espalha pelo Mundo Mediterrâneo (Sul da Europa, África e Oriente Médio). Duramente perseguida pelo Império Romano, a Igreja, já sediada em Roma no século IV, tem no Imperador Constantino a liberdade de sair dos esconderijos e pregar abertamente o Evangelho (ano 314 e ss.) Vivendo uma experiência de Cristandade: o Cristianismo sendo a religião oficial dos Impérios Medievais europeus, a Igreja unida ao Estado, sofre ela a primeira grande divisão, no Cisma do Oriente, quando os Patriarcados ligados ao de Constantinopla se separam do Papa e da Igreja de Roma. A segunda grande ruptura, se dá no século XVI, com a Reforma de Lutero, da qual surge a Igreja Luterana. A esta se seguiram a separação da Inglaterra e Colônias, da Igreja Romana (Igreja Anglicana), também no século XVI e das igrejas da Suíça, parte da França e outros países, que seguiram a reforma proposta por João Calvino, da qual se constituíram as igrejas ligadas ao puritanismo britânico e norteamericano e o calvinismo, que deu origem aos ramos batista, metodista e, no século XIX, aos pentecostais, que se constituíram em muitas Igrejas e “denominações”. Hoje, no Brasil, os católicos romanos somam 50% da população do País, percentual medido em 2016.

Visão de Mundo

O Catolicismo Romano, como todas as Igrejas Cristãs, concebe a universalidade dos povos da Terra como sua área de trabalho. Esta é comparada a uma enorme plantação, exigindo plantio, cuidado, limpeza, e colheita. Portanto, há urgência em pregar o Evangelho e formar discípulos para o Mestre. Modernamente, porém, este discipulado não significa uma entrada na ou retorno oficial para a Igreja Romana, mas sim o assumir e dar sua adesão ao núcleo da doutrina de Jesus, em seus aspectos teóricos e práticos, com a finalidade de transformar a sociedade em mais humana e, de humana, em cristã.

Principais Ensinamentos

Há um só DEUS, Criador de tudo o que existe. Hoje, não estão descartadas dos católicos a aceitação das teorias evolucionistas, contanto que se coloque Deus como a fonte geradora de toda a evolução planetária.

Deus é único, mas não é UM SÓ. Não é um solitário, um solteirão! Deus são três: é uma família, comunidade de relações: uma Trindade em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

Jesus Cristo é o Filho de Deus, a 2ª Pessoa da SSma. Trindade. Filho de Deus e filho de Maria. Veio para salvar o mundo, não para condená-lo. Após 30 anos de vida simples, como operário, mestre carpinteiro, mudou para a vida de pregador da Boa Nova, se afirmando como o Messias, o Cristo prometido ao povo judeu, o realizador das promessas de Salvação, que consiste na aceitação do Deus único e do Seu Filho, Jesus, no compromisso com Ele, com sua doutrina e seu estilo de vida. Este, para ser vivido comunitariamente, numa Igreja, na qual se entra pelo rito do Batismo.

Organização

A Igreja Romana é uma sociedade hierárquica, com

o Centro do Governo em Roma. O Papa, Bispo de Roma, tem jurisdição sobre a Igreja inteira.

No entanto, cada porção de fieis, nos vários países, é constituída por Dioceses, governadas por um (Arce) Bispo. Dioceses são divididas em Paróquias, confiadas a um ou dois párocos.

Os frades e freiras constituem na Igreja a assim chamada Vida Religiosa. Não pertencem à hierarquia, mas participam do trabalho de evangelização nas cidades onde residem, de acordo com o “carisma” próprio do seu Instituto Religioso.

Os Leigos: são os cidadãos pais/mães de família, profissionais, adultos jovens e crianças que pertencem à Igreja Romana: são autônomos, no sentido de que não dependem de autorizações da Hierarquia para tomar esta ou aquela atitude. Têm o direito de exigir da Hierarquia o serviço de sua formação cristã, assistência espiritual e preparação para a evangelização da sociedade.

Como Contribui na Construção de uma Cultura de Respeito e Paz?

Para Jesus, a Paz não é apenas ausência de guerra, mas é fruto de uma luta permanente pela construção da Justiça e do Direito nas Sociedades, o que incluem condições necessárias para se viver uma vida em plenitude, conforme disse Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Evang. De João, cap. 10). A Igreja Romana nem sempre se conduziu, em suas posições políticas e preconceitos, pelos princípios de Jesus Cristo, neste particular: perseguiu os judeus na Europa, na Idade Média e nos tempos da Inquisição; perseguiu adeptos do protestantismo calvinista, na França e na Espanha, adeptos do Islã e judeus, com as fogueiras da Inquisição, e luteranos na Alemanha. A Inquisição torturou também idosos e idosas, acusados de bruxaria, em vários países, nos séculos XVI e XVII. Só no século XX, o

Papado joga fora este entulho anti-democracia, anti-socialismo, anti-modernidade, atitudes dos séculos XVIII e XIX, abrindo-se progressivamente para o mundo moderno, aceitando colaborar com ele para a construção da Paz, da Justiça e da Solidariedade, no Mundo.

*Texto elaborado por:
Frei Tito Figueirôa de Medeiros*

*Informações:
Arquidiocese de Olinda e Recife
Av. Rui Barbosa, 409 - Graças 52.011-040 - Recife-PE -
Fone 81 3271.4270
Site: <https://www.arquidioceseolindarecife.org>*

DIOCESE ANGLICANA DO RECIFE



Igreja
Episcopal
Anglicana do
Brasil



DIOCESE ANGLICANA DO RECIFE

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL

COMUNHÃO ANGLICANA¹

Uma igreja litúrgica, ecumênica e inclusiva.

Breve Histórico

A Diocese Anglicana do Recife (DAR) é parte da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) que compõe a Comunhão Anglicana, que é “a rede internacional de igrejas nacionais ligadas diretamente à tradição da Reforma Inglesa”², com nomes diversos, adotados de acordo com as especificidades de cada local. Essa rede é composta por 39 províncias que reúnem 165 países em todo o mundo. Essas províncias estão em permanente comunhão com o Arcebispo de Cantuária³, símbolo de unidade da Comunhão⁴. As raízes da Comunhão Anglicana estão na primitiva igreja cristã surgida na Inglaterra desde o final do segundo século e é marcada pela relação de responsabilidade mútua e de interdependência entre as províncias, que mantêm as igrejas nacionais unidas por meio de quatro instrumentos de caráter consultivo: 1) o Arcebispo de Cantuária; 2) a Conferência de Lambeth; 3) o Conselho Consultivo Anglicano; 4) os Encontros dos Primazes⁵. Aqui no Brasil, a presença Anglicana celebra

¹ Sobre a Comunhão Anglicana e a IEAB, recomendamos o documentário “Retratos da Fé”, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Gmvc4zJm-03g&app=desktop>>.

² CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. Anglicanismo no Brasil. In: Revista da USP, n. 67, p. 36-47, setembro/novembro 2005, São Paulo: USP. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/04-calvani.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2013, p. 37.

³ Cantuária, cujo nome em inglês é Canterbury, é uma cidade do sudeste da Inglaterra pertencente ao condado de Kent, e é o principal centro religioso da Comunhão Anglicana, pois lá se encontra a Catedral que é sede mundial da Comunhão Anglicana.

⁴ ANGLICAN COMMUNION. ACIS - Anglican Communion Information Service. Disponível em: <<http://www.anglicancommunion.org/resources/acis/index.cfm>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

⁵ IEAB. História do Anglicanismo: dos primórdios até a idade média. Disponível em: <<http://www.ieab.org.br/site/pt/historia/historia-do-anglicanismo>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

mais de 200 anos desde a chegada da capelania inglesa para atendimento a profissionais anglicanos que vieram trabalhar nas regiões Nordeste e Norte. No entanto, como IEAB existimos institucionalmente desde 1890 e, como consequência da presença anglicana missionária no Nordeste, celebramos, em 2020, 45 anos de Diocese Anglicana do Recife.

Visão de Mundo

A cosmovisão anglicana compreende o mundo como criação divina e cada pessoa como criada à imagem e semelhança da Ruah (Gn. 1:27). Essa cosmovisão apregoa que todas as pessoas e seres estão interligados por uma interdependência que exige de nós, seres humanos, parte pensante desses seres, a responsabilidade do governo dessa criação. A característica de seres pensantes nos cobra a responsabilidade de promover, preservar e respeitar a vida através de nossas ações cotidianas. De modo que tudo o que fazemos, dentro e fora da Igreja, deve ser expressão do nosso jeito de crer e servir a Ruah, responsável pela criação do mundo e de todas nós.

Principais Ensinamentos

O Anglicanismo expressa sua fé nas palavras de dois grandes credos históricos do Cristianismo: o Credo Apostólico e o Credo Niceno⁶, que foram escritos no tempo da igreja sem divisão e constituem a confissão normativa da fé, tanto para a Tradição Cristã Anglicana como para outras Igrejas irmãs. O método adotado para o ensinamento dos Credos foi elaborado pelo teólogo anglicano inglês Richard Hooker (1554-1600): Escrituras-Tradição-Razão⁷. Esse tripé gravita em torno da

⁶ Site Oficial da IEAB. Disponível em: <<http://www.ieab.org.br/>>. Acesso em: 08 mai 2016.

⁷ IEAB. **O Jeito anglicano de fazer teologia**. Disponível em: <<http://www.ieab.org.br/site/pt/fe/o-jeito-anglicano-de-fazer-teologia>>. Acesso em: 18 dez. 2013. TAKATSU, Sumio. Os começos do Anglicanismo, p. 1. Disponível em: <http://www.centroestudosanglicanos.com.br/bancodetextos/historiadaigreja/os_comecos_do_anglicanismo.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2013.

palavra-chave “experiência”, pois as Escrituras são as experiências de vida e fé das pessoas que se tornaram ancestrais; a Tradição, que é dinâmica como é a vida, é “a memória, a experiência da Igreja pelos séculos (liturgia, sacramentos, pastoral, política)”⁸; e a Razão, “o bom senso, o senso comum de um povo em determinado tempo e lugar, a capacidade humana de simbolizar, ordenar, compartilhar e comunicar a experiência”⁹.

Organização

A palavra “Episcopal”, na nomenclatura da Igreja, diz respeito à forma de governo que organiza o seu jeito de ser e viver. É uma Igreja governada por pessoas eleitas ao Episcopado - Bispos e Bispas, apoiadas em seu ministério por Presbíteros, Presbíteras, Diáconos e Diáconas. (A IEAB ordena mulheres desde 1985, mas só em 2018 e em 2020 sagrou as primeiras mulheres ao episcopado). Nossas comunidades são diocesanas. A organização diocesana tem na presença episcopal sua principal forma de organização. O Concílio Diocesano é a assembleia máxima de cada diocese e o Sínodo é a assembleia geral da IEAB, sendo seu órgão máximo.

Como contribui na construção de uma Cultura de Respeito e Paz?

Em 1988 o Conselho Consultivo Anglicano (CCA) elaborou um documento com as cinco marcas da missão numa perspectiva anglicana, que foi revisado em 1991 e que expressa a compreensão de como devem ser as experiências de vida missionária da Igreja:

⁸ IEAB. **O jeito anglicano de fazer teologia**. Disponível em: <<http://www.ieab.org.br/site/pt/fe/o-jeito-anglicano-de-fazer-teologia>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

⁹ IEAB. **O jeito anglicano de fazer teologia**. Disponível em: <<http://www.ieab.org.br/site/pt/fe/o-jeito-anglicano-de-fazer-teologia>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

1. proclamar as boas novas do reinado de Deus;
2. ensinar, batizar e nutrir os novos [e as novas] crentes;
3. responder às necessidades humanas com amor;
4. procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência e buscar a paz e a reconciliação;
5. lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra¹⁰.

As marcas anglicanas da missão da Igreja constituem um convite à Comunhão para olhar e agir para além de si mesma, indicando caminhos para o fortalecimento do ecumenismo secular¹¹, “caracterizado pela diaconia ao mundo, o serviço do mundo por meio de justiça e paz”¹². Tal serviço tem assumido, como pautas atuais da Igreja, temas contemporâneos através de publicações do Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento (SADD)¹³ sobre: a) prevenção e enfrentamento à violência de gênero contra as mulheres; b) gênero, sexualidades e direitos. Em 2018, no Sínodo da IEAB, nossa assembleia geral, o casamento igualitário foi aprovado após anos de discussão, estudo, reflexão e maturação sobre as implicações dessa decisão, ficando a critério de cada diocese decidir localmente sobre a adesão ou não à decisão. A IEAB tem uma respeitável trajetória de afirmação das diversidades humanas como dom da Ruah. O mesmo Sínodo acolheu uma moção alusiva à “Década de Afrodescendentes (2015-2024)”, proclamada pela Orga-

¹⁰ Anglican Communion. As Cinco Marcas da Missão. Disponível em: <https://www.anglicancommunion.org/media/108368/Five-Marks-of-Mission-Portuguese.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2013.

¹¹ NAVARRO, Juan Bosch. Para compreender o ecumenismo. São Paulo: Loyola, 1995, p. 12.

¹² LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa de Lira. O Centro Ecumênico de Cultura Negra (CECUNE) e suas Ações Educativas. 2006. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, p. 55.

¹³ Sobre o SADD-IEAB e suas publicações, ver: <<http://www.ieab.org.br/sad/biblioteca>>.

nização das Nações Unidas (ONU) e, como consequência, em 2019 foi implantado o ABRAÇO NEGRO Pastoral Afro da Diocese Meridional, no Rio Grande do Sul – primeira iniciativa na IEAB - cujo principal objetivo é promover ações educativas antirracistas a partir de hermenêuticas bíblicas negras para descolonização das teologias patriarcais e racistas aprendidas ao longo dos séculos. Em 13 de junho de 2020, a Câmara Episcopal da IEAB (composta por sete bispos e duas bispas) emitiu e publicou seu pronunciamento sobre o racismo¹⁴ estrutural percebido como agente causador do genocídio¹⁵ de pessoas e populações indígenas e negras em terras brasileiras. Tal pronunciamento enseja promover ações antirracistas em toda a IEAB. Por entender que somente através do diálogo e do respeito¹⁶ é possível a construção de uma cultura de respeito e paz, a Comunhão Anglicana está representada em órgãos ecumênicos e inter-religiosos nacionais e internacionais. A vida missionária vai além da comunidade diocesana, para a construção de uma Cultura de Respeito e Paz.

¹⁴ Pronunciamento da Câmara Episcopal da IEAB sobre o Racismo. Disponível em: <<https://www.ieab.org.br/2020/06/13/pronunciamento-da-camara-episcopal-da-ieab-sobre-o-racismo/>>.

¹⁵ Sobre diálogo e respeito, ver: LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa de. Elementos Teopedagógicos Afrocentrados para Superação da Violência de Gênero contra as Mulheres Negras: diálogo com a comunidade-terreiro Ilê Așe Yemojã Omi Olodô e “o acolhimento que alimenta a ancestralidade”. 2014. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo.

¹⁶ Sobre diálogo e respeito, ver: LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa de. Elementos Teopedagógicos Afrocentrados para Superação da Violência de Gênero contra as Mulheres Negras: diálogo com a comunidade-terreiro Ilê Așe Yemojã Omi Olodô e “O Acolhimento que alimenta a ancestralidade”. 2014. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo. O texto foi adaptado e será publicado como livro intitulado “Acolhimento: alimento da Ancestralidade”, pela Editora da Universidade Nacional da Costa Rica, no segundo semestre de 2020.

Símbolos



Rosa dos Ventos:
emblem da Comunhão Anglica-
na que simboliza o alcance mun-
dial e a descentralização do poder.
O texto grego é o lema: "A verdade
nos libertará".



Livro de
Oração Comum
da IEAB



Logo da IEAB.



Brasão da
DAR-IEAB

Texto elaborado por:
Revda. Dra. Lilian Conceição da Silva, Coordenadora do ABRAÇO NEGRO Pastoral
Afro da Diocese Meridional,
da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.
E-mail: liliancsilva13@yahoo.com.br

EXÉRCITO DA *Salvação*

JUSTIÇA SOCIAL

Direitos Humanos: Espiritualidade | Refugiados
Tráfico de Pessoas | Violência Contra a Mulher

Associação Justiça Social



EXÉRCITO DE SALVAÇÃO

Breve Histórico

O Exército de Salvação foi fundado em 1865, na Inglaterra, pelo Reverendo William Booth e por sua esposa, Catherine Booth com o nome de Missão Cristã do Lado Leste de Londres. O objetivo era o de assistir espiritual e materialmente a população londrina de miseráveis que, em consequência da Revolução Industrial, crescia a cada ano. No ano de 1878 adotou o nome Exército de Salvação e desde então espalhou-se pelo mundo, estando atualmente presente em 130 países. No Brasil, o Exército chegou no ano de 1922 e se faz presente nas Regiões Norte, Nordeste, Sul e Sudoeste. Fiel à sua vocação trabalha com as populações mais vulneráveis. Na cidade de Boa Vista, em parceria com a ONU, atende especialmente aos refugiados venezuelanos.

Estrutura

O Exército de Salvação adota o sistema de governo episcopal e ao mesmo tempo a disciplina e a nomenclatura militar copiada da marinha inglesa e seus ministros ordenados (homens e mulheres), dependendo dos anos de serviço são chamados de Tenentes, Capitães, Majoires Coronéis. Há somente um General – que é o líder espiritual mundial –, o qual é eleito por um período de tempo definido – podendo ser reconduzido –, mas que é aposentado compulsoriamente ao completar 65 anos.

Visão do ser humano

O Exército de Salvação ensina a santidade social. Seus lemas principais são: “coração para Deus e mão para o homem” e “sopa, sabão e salvação”. Ambos apontam para uma visão integral do ser humano e indicam

o serviço ao outro, especialmente aos mais vulneráveis como sinal da salvação em Cristo Jesus. Igualmente aponta para o fato de que todo ser humano tem dignidade em si mesmo, independente de sua circunstância social, da sua orientação sexual e mesmo da religião que professa, pois a imagem de Deus se faz presente na humanidade e, portanto, a pessoa humana precisa ser respeitada independente da condição que esteja.

DNA do Exército de Salvação

O Exército de Salvação é filho da Igreja Metodista, neto da Igreja Anglicana e bisneto da Igreja Católica Romana (e quem não é?). Aí está o seu DNA. Define a si mesmo como sendo de linha protestante, não poselitista e quer ser uma igreja para aqueles que não têm igreja.

Credos cristãos clássicos

O Exército de Salvação pertence à Igreja Cristã Universal – o Corpo de Cristo – e é uma expressão dessa. É uma missão continua aos inconversos e assume, ensina e promove os ensinamentos contidos nos principais Credos Cristãos Clássicos (Credo dos Apóstolos, Credo Niceno e Credo Atanasiano), cuja síntese aparece em suas doutrinas. Ou seja: Crença nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos como inspiradas por Deus; na existência de um só Deus, infinitamente perfeito – Criador, Preservador e Governador de todas as coisas; na Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo; Na humanidade e na divindade de Jesus Cristo; que os seres humanos pecaram e carecem da graça de Deus; que Deus, em Jesus Cristo, já providenciou salvação para que todo aquele que quiser; da necessidade de arrependimento, fé e regeneração pelo Espírito Santos; que o perdão (justificação) de Deus é concedido a todos gratuitamente; da necessidade de uma fé continua e obediente a Cristo; da santidade como possível a todos e não somente a um grupo privilegiado;

e de um julgamento final.

Símbolos



Brasão

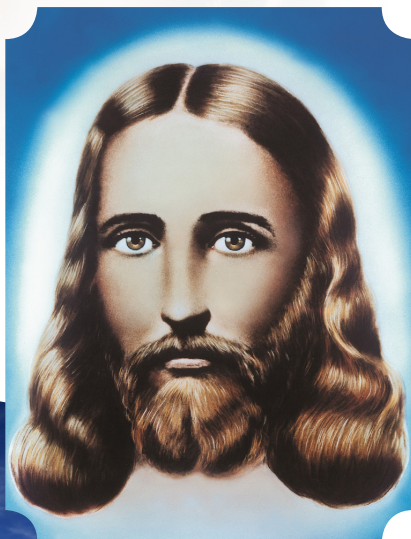


O lema “Sangue e fogo” refere-se ao “sangue de Jesus Cristo” derramado pela humanidade e ao “fogo do Espírito Santo”.

*Texto elaborado por:
Maruilson Souza*

*Informações:
Rua Carlos Gomes, 1016 - Bairro Bonji
Recife - PE - Cep: 50751-130
Tel: (81) 3226-4032
Site: <http://exercitodesalvacao.org.br>*

**RELIGIÃO DE DEUS,
DO CRISTO**
e do Espírito Santo



RELIGIÃO DE DEUS, DO CRISTO E DO ESPÍRITO SANTO

Breve Histórico

Em 7 de outubro de 1973, o jornalista, radialista, escritor e ativista social Alziro Zarur (1914-1979) proclamou em Maringá/PR, a Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo¹, hoje presidida pelo também jornalista, radialista e escritor José de Paiva Netto, que a registrou oficialmente em 19 de dezembro de 1983. A Religião Divina tem por alicerce o Novo Mandamento do Divino Mestre, consoante esclareceu Zarur: “Deus é Amor’, Jesus já o tinha dito. Mandando que nos amássemos, tanto quanto Ele nos amou, e dizendo que nos amou exatamente tanto quanto ama o Pai Celestial, deu-nos um código de que faremos a nossa Religião — A RELIGIÃO —, que o próprio Jesus fundou e instituiu há quase dois mil para a qual, durante todo esse tempo, não houve olhos de ver, a do Amor Universal”.

Visão de Mundo

“A Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo não surgiu para conflitar com outras louváveis crenças”, explica Paiva Netto. Ela compreende que todas as honradas tradições religiosas e espirituais provêm de Deus. Por esse motivo, promove o Ecumenismo cujo termo (que vem do grego *oikoumenikós*) refere-se a ‘toda a terra habitada’ e ‘de escopo ou aplicabilidade mundial; universal’”, dessa forma, coloca-se ao lado de todos os movimentos que se dedicam ao Espírito Eterno do ser humano, na busca de Deus e da vivência de Suas Leis que

¹As expressões “Religião do Amor Universal”, “Religião do Terceiro Milênio” e “Religião Divina” são referentes e equivalentes à denominação “Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo”.

regem o Universo. O seu presidente-pregador esclarece, ainda: “O segredo da RELIGIÃO DE DEUS é combater o mal que está dentro das Criaturas Humanas, e não as criaturas”.

Principais Ensinamentos

Sua doutrina ao fundamentar-se no Evangelho-Apocalipse de Jesus, em Espírito e Verdade e à Luz do Seu Novo Mandamento: “Amai-vos como Eu vos amei. Somente assim podereis ser reconhecidos como meus discípulos” (Evangelho, segundo João, 13:34 e 35), promove a Unificação Harmonizada das Quatro Revelações da palavra de Deus; ensina a existência do Mundo Invisível, a realidade da Vida Eterna, batalhando pela união fraterna da Humanidade de baixo (a humana) com a Humanidade de Cima (a dos Espíritos); promove a Caridade Completa — Material e Espiritual, com os quatro graus progressivos e Divinizantes da Fé; apresenta ao mundo os Quatro Pilares do Ecumenismo, com a formação do Rebanho Ecumênico de Jesus; demonstra que a Justiça Divina, se manifesta por intermédio da Lei Universal da Reencarnação; e prega a Volta Triunfal de Jesus ao planeta que Ele formou.

Organização

Presente no Brasil e em outros seis países: Argentina, Bolívia, Estados Unidos, Paraguai, Portugal e Uruguai, atua por meio de suas Igrejas Ecumênicas, das Igrejas Familiares e do trabalho de visitas aos lares realizado por seus pregadores e embaixadores ecumênicos. Sua Sede Espiritual é o Templo da Boa Vontade (TBV), que fica em Brasília/DF, o monumento mais visitado da capital federal, que a todos proporciona a vivência do Ecumenismo Divino.

Como contribui na construção de uma Cultura de Res-

peito e Paz?

Para impulsionar a Cultura de Respeito e Paz, a Religião Divina contribui por meio de atividades práticas, a exemplo da Cruzada de Religiões Irmanadas, cuja primeira edição foi realizada por Alziro Zarur, no final da década de 1940, no salão do Conselho da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), na capital fluminense, iniciativa pioneira do que viria a ser denominado Diálogo Inter-Religioso no Brasil. As atividades contemplam pregações ecumênicas, campanhas de valorização da vida, fóruns temáticos, congressos, debates e eventos. Essas ações ocorrem nas Igrejas Ecumênicas, na Super Rede Boa Vontade de Comunicação (rádio, televisão, publicações e internet), no Templo da Boa Vontade, no Parlamento Mundial da Fraternidade Ecumênica e também em espaços em que a Religião do Amor Universal é convidada a participar e/ou palestrar.

Símbolos



Estampa Majestosa de Jesus

Jesus, o Cristo Ecumênico, o Divino Estadista. Por ser reconhecido para além de sua missão religiosa, respeitando-se sempre o que as diversas tradições ensinam a seu respeito e por Seus exemplos de humanidade e solidariedade trazidos ao mundo, JESUS é o referencial e a inspiração de todas as atividades da Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo.



Templo da Boa Vontade

O Templo da Boa Vontade (TBV) — Sede Espiritual da Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo. Na parede principal da Galeria de Arte do TBV em Brasília/DF, Brasil, consta a avançadíssima definição da Religião do Terceiro Milênio revelada pelo saudoso Alziro Zarur (1914-1979) e eternizada por Paiva Netto.



Distintivo

Os Cristãos do Novo Mandamento ou Legionários da Boa Vontade de Deus, como assim, são chamados os frequentadores da Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo, para se identificarem entre si, onde quer que se encontrem, utilizam, além do distintivo, a seguinte saudação, que é a menor prece do mundo: Deus Está Presente! Viva Jesus!



Água Fluidificada

Desde o fim da década de 1940, o saudoso Proclamador da Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo, Alziro Zarur (1914-1979) já ensinava que: “Ora, se Deus criou a água que Homem nenhum poderia inventar, entidade nenhuma poderia criar, então Ele pode colocar dentro dessa água o remédio certo para cada um de nós. Duvidar disso é descrer das coisas mais elementares, da lógica dos elementos mais simples”. A Religião Divina ensina o ato de separar diariamente um recipiente, um copo, uma jarra com água, durante a poderosa Corrente Ecumênica de Preces, para que o Médico Celeste a fluidifique, ou seja, impregne, Seus fluidos vivificantes, fortificantes, reparadores, purificadores, regeneradores e curadores. Zarur, já mostrava que, mesmo à distância, esse auxílio aconteceria. Dessa forma, ainda hoje milhões de pessoas alcançam grandes conquistas, quando, com Fé Realizante, colocam o recipiente com água ao lado do rádio (sintonizado na Super Rede Boa Vontade de Rádio ou pela Boa Vontade TV para que a água seja energizada).

Texto elaborado por:

Emerson Damásio

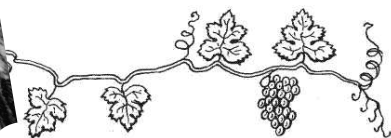
Ministro Ecumênico da Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo.

Informações:

www.religiaodedeus.org

central@religiaodedeus.org.br

ESPIRITISMO



ESPIRITISMO

Breve Histórico

Em 1854, Allan Kardec (pseudônimo adotado por Hippolyte Léon Denizard Rivail, educador francês) ouviu falar sobre as mesas girantes que serviam de meio de comunicação com os espíritos. Em suas observações, Kardec concluiu que os espíritos, que se comunicavam não eram seres superiores aos homens e mulheres da época, mas sim, que o conhecimento exibido representava o grau de adiantamento intelectual e moral dos espíritos, não sendo senão almas de homens e mulheres. De forma metódica, Kardec formulou perguntas sobre filosofia, psicologia e de natureza do mundo invisível, que eram respondidas de forma lógica e precisa, tomando proporções de uma doutrina. Estas questões fazem parte das Revistas Espíritas e da sequência de cinco livros das obras básicas da Doutrina Espírita, sendo o primeiro O Livro dos Espíritos.

Visão de Mundo

Para que haja a justiça e o progresso humano, se faz necessária a reencarnação do espírito. A caminhada do espírito é progressiva, sendo conquistada a medida que evita o mal e pratica o bem. A doutrina da reencarnação apresenta um ponto de vista racional, em concordância com as leis progressivas da Natureza e em conformidade com a Lei do Criador. Expição, justiça e melhoramento progressivo da humanidade são possíveis através da reencarnação. Há medida que o espírito conquista o progresso moral, ele pode habitar outros mundos, como ensinou o Mestre Jesus: “Há muitas moradas na casa do meu Pai” (João 14; 1:3).

Principais Ensinamentos

A Evolução Moral do Espíritos é o alicerce dos ensinamentos espírita, que permeia o exemplo de Jesus, que é o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo. O Trabalho no Bem (efeito da Lei do Amor) e a Caridade (prática da Lei do Amor) são praticados por aqueles que anseiam a evolução espiritual entre os homens e material do planeta. A caridade é reconhecida quando o bem é praticado com amor e dedicação. A Reforma Íntima é trabalhada constantemente pelo espírita como forma de progredir em sua evolução espiritual, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogando frequentemente a nossa consciência.

Organização

A Federação Espírita Brasileira é o órgão orientador da religião no país, que distribui os estudos e orientação para as federativas em cada Estado, que redistribui para os Centros.

Cada Centro é formado por uma diretoria administrativa eleita pelos sócios contribuintes, e os trabalhadores: passistas, médiuns, palestrantes e assistentes.

Como contribui na construção de uma Cultura de Respeito e Paz?

“O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara lhe fizessem.

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus.” (Evangelho

Segundo o Espiritismo, Cap XVII – O Homem de Bem).

Símbolo



O ramo da videira reproduzido no Livro dos Espíritos é uma representação gráfica da obra divina e tem sido usado como emblema do espiritismo, embora não constitua um símbolo sagrado. Esta arte tem origem mediúnica, indicado especialmente para compor o referido livro:

“Porás no cabeçalho do livro a cepa que te desenhamos, porque é o emblema do trabalho do Criador. Aí se acham reunidos todos os princípios materiais que melhor podem representar o corpo e o espírito. O corpo é a cepa; o espírito é o licor; a alma ou espírito ligado à matéria é o bago. O homem quintessencia o espírito pelo trabalho e tu sabes que só mediante o trabalho do corpo o Espírito adquire conhecimentos.”

FONTES:

KARDEC, Allan, 1804-1869. **O Evangelho segundo o espiritismo** / Allan Kardec; tradução Karine Rutpaulis. 6. ed. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2012. Título original: L'Évangile selon le spiritisme.

_____. **O livro dos espíritos**: filosofia espiritualista / recebidos e coordenados por Allan Kardec; [tradução de Guillon Ribeiro]. – 93. ed. 1. imp. (Edição Histórica) – Brasília: FEB, 2013. 526 p.; 23 cm. Tradução de: Le Livre des esprits.

*Texto elaborado por:
Viviane Braga*

*Informações:
braga.viviane@hotmail.com*

A UNIÃO do Vegetal



A UNIÃO DO VEGETAL

Breve Histórico

A União do Vegetal (UDV) é uma instituição religiosa formada em 22 de julho de 1961 por José Gabriel da Costa (Mestre Gabriel). Atualmente a UDV já possui mais de 200 núcleos e distribuições autorizadas de Ayahuasca, localizados em todos os estados do Brasil e em outros dez países, conta com mais de 20 mil sócios e mais de 6 mil jovens e crianças, filhos dos sócios¹. É considerada a maior, mais estruturada e mais organizada religião ayahuasqueira do mundo. A UDV se caracteriza principalmente por utilizar a Ayahuasca em seus rituais, uma infusão enteógena². O Chá Ayahuasca é considerado uma bebida sagrada, seu uso nos rituais funciona como um veículo que permite transmitir e assimilar ensinamentos e doutrinas com mais facilidade em função do estado de “expansão da consciência” propiciado pela ingestão da bebida.

Visão de Mundo

Entre os adeptos da UDV, o Chá Ayahuasca é chamado de Vegetal e, o transe provocado pela bebida é denominado “burracheira”, e é nesse estado de consciência alterado, que acontece o momento mais sagrado e elevado do ritual. São nesses instantes que acontecem os contatos entre o indivíduo e o Divino. Compreendem o mundo como um local criado por Deus para evolução dos

¹ Dados disponíveis no site oficial da UDV: <http://udv.org.br/>

² Enteógenos são substâncias alteradoras da consciência, que induzem a estados ampliados de percepção sensorial e ao sentimento de êxtase. A palavra “enteógeno” vem do grego e significa “manifestação interior do divino”. A Ayahuasca é feita por meio da união dos princípios ativos de duas plantas: um cipó chamado Mariri (*Banisteriopsis caapi*) e as folhas de uma árvore de pequeno porte chamada Chacrona (*Psychotria viridis*).

espíritos, isso traz consigo um maior nível de cobrança de seus discípulos por melhorias de pensamentos, palavras e ações. Na UDV é ensinado que o conhecimento de si traz resultados evolutivos mais rápidos, por exemplo, abandonando o vício em álcool e outras drogas.

Principais Ensinamentos

A UDV é uma religião “cristã reencarnacionista”, ou seja, ela afirma que os ensinamentos de Cristo devem ser seguidos e que os espíritos encarnam sucessivas vezes dentro de um processo de desenvolvimento e purificação, submetidos a lei do “plantio e da colheita”. Seus ensinamentos são formados por elementos indígenas, africanos, islâmicos e do catolicismo popular. Na UDV a tradição é oral, ela não possui nenhum livro considerado “sagrado”. As sessões funcionam no sistema de perguntas e respostas entre mestres e discípulos, e no ritual também são tocadas músicas e são feitas as “chamadas” (orações cantadas) – recursos para transmissão de ensinamentos e doutrina.

Organização

A UDV é formada por núcleos que se autogerenciam, seus sócios se organizam em três níveis hierárquicos: mestres, conselheiros e discípulos. A instituição não tem fins lucrativos, o trabalho é voluntário, e o Chá não é comercializado. Em todos os núcleos existe prestação de contas, e o valor das mensalidades deve ser baixo, determinado de acordo com a realidade financeira de cada sócio, sendo muitos isentos de pagar.

Como contribui na construção de uma Cultura de Respeito e Paz?

Na UDV se ensina que “toda religião é boa”, e que todas devem ser respeitadas. De acordo com o regimento interno da instituição, a UDV tem por objetivo “promover a paz no mundo e trabalhar pela evolução do ser humano

no sentido de seu desenvolvimento espiritual”. Cada núcleo tem seu departamento de beneficência, que realiza distribuição de cestas básicas e cursos de capacitação em comunidades carentes, entre outras ações. A UDV já foi reconhecida em dezenas de sessões solenes e homenagens do Poder Público no Brasil e nos Estados Unidos, e dezenas de estados e municípios já instituíram o dia 22 de julho como o “Dia da Paz e da Conciliação”. Desde 1999, a UDV também tem o “Título de Utilidade Pública Federal”, pelo seu importante trabalho social, ações de caridade e preservação da Natureza.

Símbolo



Distintivo da UDV

*Texto elaborado por:
João Paulo Reis Braga
Mestrando em Ciências da Religião na
Universidade Católica de Pernambuco.*

*Informações:
Email: jpreisbraga@yahoo.com.br. Financiamento: CAPES/PRÓSUC*



Fotos: Rayane Marinho Leal

WICCA

Surgimento na Inglaterra e desenvolvimento nos Estados Unidos

Considera-se o marco do surgimento da wicca a publicação, no ano de 1954, do livro “A bruxaria hoje”, de Gerald Gardner (1884-1964). Este último utilizou o termo wicca, para definir a bruxaria moderna, ou seja, como ela estava sendo praticada na época do autor. Gardner dizia ter sido iniciado em um coven de bruxas de New Forest, na Inglaterra, e que esse era um remanescente do Paganismo antigo europeu. Ou seja, segundo essa informação a “antiga religião Pagã europeia” foi conservada por seus membros, que seriam as bruxas queimadas nos princípios da idade moderna. Elas teriam conseguido preservar seus conhecimentos até o século XX, por meio do segredo nos covens. Por isso, os wiccanos também utilizam o termo bruxaria e bruxa ou bruxo para designar a sua religião e seus membros. Assim, como veremos mais à frente, esse título é pertinente, pois a prática de magia faz parte da wicca. No entanto, não existia apenas uma antiga religião Pagã europeia, mas várias. Enquanto outras novas religiões Pagas, como o druidismo, buscam se inspirar em apenas uma antiga religião, neste caso dos celtas, a wicca busca inspiração em várias religiões antigas, inclusive do Egito, Mesopotâmia e Índia.

O conteúdo da wicca foi influenciado pelas ordens iniciáticas inglesas, que, por sua vez, assim como Gardner, adquiriram bastante conhecimento do Oriente. Mas, essa influência foi concentrada mais na parte prática do que teórica. O que realmente moldou a religião wicca foram teorias propostas e disseminadas no século XIX e início do XX por escritores e acadêmicos e pelo espírito dessa época. O romantismo celebrava o passado alegre e belo Pagão, com seus deuses da natureza e do prazer.

A bruxa torna-se símbolo da mulher rebelde e sabia. E a bruxaria torna-se os resquícios das antigas religiões Pagãs, e mais ainda, das mais primitivas formas de religiosidade humana, a qual a terra seria a Deusa, com um filho e consorte, Deus da vegetação.

Quando a Wicca migra para os Estados Unidos na década de 1960, coincide com a agitação da contracultura, com a preocupação com o meio ambiente e com o feminismo. Esses movimentos foram determinantes para a aceitação da Wicca e para a criação de novas tradições na América. Na década de 1980, a Nova Era, também trouxe grandes transformações para a Wicca.

Preceitos básicos

A Wicca é uma religião moderna que busca manter similaridades com o Paganismo antigo e a feitiçaria. Possui um pensamento sincrético e intuitivo, criando uma vasta diversidade de crenças e práticas entre os próprios wiccanos. Mas podemos encontrar certas linhas comuns na maioria delas, que são: panteísmo, feminismo, rejeição do conceito de pecado e reciprocidade espiritual. A seguir pretendemos apresentar ao leitor alguns princípios básicos e gerais, que congregam a comunidade wiccana. Escolhemos algumas crenças e as separamos em dez tópicos, para, a partir daí, dissertar rapidamente sobre eles.

1 Culto à Deusa Tríplice e seu Consorte, ou seja, aos deuses antigos - Os principais arquétipos da Deusa dos wiccanos são dois, um deles é ela como a “Mãe Terra”, ou a “Deusa Mãe” e como a lua. Quando a lua está crescente, representa-se a Deusa em seu aspecto de Donzela, nessa fase ela é a caçadora. Quando está cheia, é a Mãe, associada à fertilidade, e à sexualidade. Quando minguia, é a Anciã, relacionada ao renascimento e transformação. O consorte da Deusa, o Deus, é mais comumente repre-

sentado sob dois arquétipos. O primeiro é como “O Cornífero”, o deus das matas, representando a natureza indomável de tudo que é livre. É geralmente identificado com o deus grego Pã. Nesse aspecto, ele é representado como o caçador- coletor das sociedades pré-agrícolas. O seu segundo arquétipo é o do “Senhor da Colheita”, “O Sacrificado”, que se relaciona com a celebração dos ciclos da natureza. É importante compreender que todos os inúmeros aspectos e representações da Deusa e do Deus são complementares e não contraditórios.

2 Iniciação - A iniciação é o mais importante rito de passagem na wicca. É o ritual no qual o indivíduo é apresentado aos Deuses. É quando ele de fato se torna um wiccano. Mas, antes da iniciação, é imprescindível que a pessoa passe por um período geralmente chamado de dedicação. Nesse tempo, o bruxo aprendiz deve estudar sobre a religião. O significado da iniciação é de morte e renascimento simbólicos. A vida antiga acaba, e uma nova começa. Um dos elementos na iniciação é a escolha de um novo nome, com o qual o neófito se apresentará aos Deuses e a outras bruxas.

3 Respeito ao conselho wiccano: “faça o que quiser, se a ninguém prejudicar” - O conselho wiccano é considerado o principal dogma da Wicca. É um código moral simples e benevolente. O poder, que é a energia que criou galáxias, o DNA, humanos, e bilhões de formas de plantas nunca deve ser usado para fins destrutivos.

4 Submissão à Lei Tríplice - A Lei Tríplice complementa o conselho wiccano. Atenção para não prejudicar ninguém, pois “tudo o que você fizer retornará em triplo”. A ideia é que se colhe o que plantou e em escala maior.

5 Respeito absoluto à vida - Na Wicca acredita-se que todas as vidas tem igual importância. Os humanos não são mais importantes do que os animais, que não são mais importantes do que as plantas e assim por diante. Vida é vida, não importa que forma física ela adote em um determinado tempo. Todos são parte da mesma criação e tudo se conecta e se une.

6 Crença na reencarnação - Nada jamais se perde no universo: o renascimento pode ser compreendido na própria vida, onde todo fim conduz a um novo início. A primavera vem após o inverno; o dia, depois da noite. Tudo é cíclico, e a morte é mais um tipo de transformação desconhecida para alguma nova forma de ser. O renascimento é visto como uma grande dádiva da Deusa, que está presente no mundo físico.

7 Crença na grande teia universal - Essa metáfora indica que tudo o que existe está interligado, o que se faz influencia o todo, portanto todos são interdependentes. Por esse motivo os wiccanos desenvolvem uma responsabilidade cósmica, e buscam equilíbrio e harmonia em suas relações com os seres.

8 Celebração dos ciclos da Natureza - Os rituais da wicca são celebrações dos ciclos da natureza. Anualmente são 8 sabás e 13 esbás. Os primeiros são festivais que celebram o mito da roda do ano, são eles: os equinócios e os solstícios, que marcam a trajetória do sol pelo céu. E os outros quatro ocorrem em datas fixadas exatamente em meses intermediários aos primeiros, e celebram o ciclo agrícola da terra, marcando a semeadura, o plantio e a colheita. Os esbás são rituais de lua cheia, que celebram a Deusa em seu aspecto lunar.

9 Prática de magia natural - Para a Wicca, os po-

deres mágicos estão latentes em todas as pessoas. São os poderes naturais, embora misteriosos, da mente interior. O que a bruxaria faz é providenciar uma atmosfera na qual esses poderes possam manifestar-se exatamente através dos ritos mágicos e de toda a gama de símbolos contidos neles. A máxima na Wicca diz que a magia é “a arte de transformara consciência pela vontade”.

10 Proibição de proselitismo - Ninguém é pressionado para ser um wiccano, se alguém se interessar pela religião e procurar um membro para tirar dúvidas, mas depois se desinteressar, a pessoa nunca mais ouvirá sobre o assunto pelo membro. Como vimos acima, no tópico sobre a iniciação, apenasse inicia na Wicca quem sentir que esse é o seu caminho. Os wiccanos chamam esse momento de “despertar para o chamado da Deusa”. Desse modo, os wiccanos acreditam que nenhuma religião é a certa para todo o mundo. Isso faz da Wicca uma religião que é ausente de preconceitos e que aceita a diversidade.

Desenvolvimento no Brasil e no mundo

As primeiras notícias sobre a wicca chegaram no Brasil desde a década de 1950, por meio de jornais, livros e revistas. Depois, com a proliferação da Nova Era no final da década de 1980, surgem grandes lojas, várias traduções de livros, e também produção de livro nacional e reportagens na TV. Na virada do milênio há uma proliferação devido ao início da popularidade da internet e na década de 2010 o movimento começa a se solidificar e amadurecer. No mundo, a Wicca tem crescido bastante e tem no mínimo 1 milhão de adeptos apenas nos Estados Unidos, podendo ter na realidade 2 milhões ou mais. Apesar de ainda permanecer no imaginário popular a imagem da bruxaria diabólica, ou da bruxaria como algo ruim, é evidente a transformação gradual da figura da

bruxa na mídia, trazendo a bruxaria como algo ligado a natureza, e a poderes mágicos não necessariamente maléficos, e em grande parte benéficos e atraentes. O livro (1979), e posterior filme “As brumas de Avalon” (2001), o seriado “Sabrina, a aprendiz de feiticeira” (1996), os filmes “Jovens bruxas” (1996) e “Da magia a sedução” (1998), demonstram essa mudança no imaginário midiático.

*Texto elaborado por:
Karina Oliveira Bezerra*

*Informações:
E-mail: karina.olibe@hotmail.com
Site: Cliografia.com
(81) 98506-5597*

DANÇAS *Sagradas*



DANÇAS SAGRADAS

DANÇAS CIRCULARES E DANÇAS DA PAZ UNIVERSAL

Breve Histórico

A Dança Sagrada fez parte dos rituais em todos os povos, tribos, em todas as culturas e em todas as épocas e comunidades. O símbolo universal do círculo, tendo como centro muitas vezes oferendas, flores, fogo, talismãs, ou objetos sagrados, representava o espaço da comunidade para celebrar rituais de passagem como nascimento, vida adulta, ciclos menstruais, casamento, batalhas de guerra, idade de ancião, morte e outros momentos importantes do Sagrado Antropológico. Portanto, as Danças Sagradas não foram inventadas recentemente e o que se vê, atualmente, é uma forma de resgatar essa muito antiga prática ancestral e profunda, adequando-a aos tempos atuais.

Pir-o-Murshid Hazrat Inayat Khan, foi o primeiro a trazer a mensagem inspirada no Sufismo para o Ocidente em 1910 e uma das pioneiras da dança moderna na América e Europa foi Ruth St. Denis, e Samuel Lewis – místico, Mestre Zen e Sufi, ativista de Paz, conhecedor e estudioso das religiões e mitologias do Hinduísmo, Judaísmo e Cristianismo, que abdicou de sua promissora carreira profissional como herdeiro de importante família norte americana para se dedicar ao misticismo e à espiritualidade para promover a “Paz através das Artes” – foi profundamente inspirado pelo contato e aprendizado espiritual com esses dois grandes mestres citados. Samuel Lewis começou a criar um método dinâmico de caminhares meditativos e seu repertório original eram em torno de 50 Danças. Durante mais de 50 anos essas Danças têm se espalhado pelo mundo sendo vivenciadas por milhares de pessoas nas Américas do Sul, Central e Norte, Europa, África, Oriente Próximo, Médio e Distante e Oceania, com mais de 500 Danças inspiradas nas Tradições de Fé:

Nativas Americanas, Nativas Africanas, Nativas do Oriente Médio, Hinduísmo, Zoroastrismo, Budismo, Sikhismo, Judaísmo, Cristianismo, Islamismo, Danças em Aramaico e Tradição da Grande Mãe – um Movimento New Age inicialmente abraçado pelo Movimento Hippie, de caráter Universalista, inspirado no Sufismo, que surgiu nos Estados Unidos no fim da década de 60, início da década de 70 – atualmente chamado de Rede Internacional de Danças da Paz Universal, com muitos círculos e retiros anuais que se reúnem regularmente pra Praticar e celebrar o Diálogo Inter-religioso.

Em 1976, nasceu o movimento intitulado Danças dos Povos ou Danças Circulares Sagradas, quando o coreógrafo alemão/polonês Bernhard Wosien visitou uma comunidade no norte da Escócia, e pôde, pela primeira vez, ensinar uma coletânea de Danças Folclóricas para os residentes de Findhorn, só chegando ao Brasil em 1984. E, no início da década de 90 se espalharam em Rodas pelos parques públicos, praças públicas, movimentos pacifistas, casas de reabilitação de drogados, escolas, asilos, grupos terapêuticos, órgãos públicos, universidades, ONGs, centros holísticos de saúde, empresas, celebrações ecumênicas e como práticas integrativas e complementares em saúde, pelo SUS.

Tendo como base o conagraçamento social ao aumentar o senso de pertencimento e promoverem uma vivência de união e respeito a todos os povos e tradições, vale ressaltar as similaridades entre as Danças Circulares e as Danças da Paz Universal, pois foram movimentos iniciados no mesmo momento histórico durante o fim da guerra e pós-guerra fria, onde muitas comunidades alternativas de novas possibilidades de organização social surgiram em diferentes partes do mundo.

Visão de Mundo

As Danças Circulares Sagradas têm a dinâmica da

simplicidade. Ensina-se o passo, treina-se em roda, depois se dança a música e aos poucos, ao internalizar os movimentos, as pessoas começam a liberar o corpo e o coração, a mente, e as emoções, e o espírito.

Samuel Lewis acreditava na Dança como oração/prática espiritual em movimento, junto aos caminhares meditativos, que são parte integrante e complementar das Danças da Paz Universal.

As Danças da Paz Universal têm desenvolvido e expandido em cada um de nós, um sentimento profundo e reverente a todas as Tradições Espirituais e, seguindo os passos de Samuel Lewis, o trabalho dos Dançarinos da Paz é dentro de si mesmo ao fazer a união de todas as diversidades, criando a paz interior através da afirmação da Unidade, ao Honrar o Sagrado cantando em diferentes línguas como Aramaico, Hebraico, Árabe, Grego, Sânscrito, Hindi, Latim, Tibetano, Maori, Iorubá, línguas vernáculas, etc.

Principais Ensinamentos

O principal enfoque na Dança Circular Sagrada não é a técnica, pois Dançar não é necessariamente um espetáculo. Dançar pode ser uma meditação e pessoas que têm dificuldade em meditar acessam seu ponto central de silêncio interior, de quietude, onde encontram a paz, através da dança. A intenção varia de pessoa para pessoa e a profundidade do mergulho, também. Uns podem querer dançar para relaxar, outros para meditar e alguns mais facilmente conectados com o Sagrado farão desta oportunidade uma forma de oração corporal, na qual todo o ser é envolvido em corpo, mente, emoção, espírito e prece no sentimento de união de grupo, o espírito comunitário indivisível que se instala a partir do momento em que todos, de mãos dadas, apoiam-se e auxiliam os companheiros mutuamente. Assim, ela é indicada para pessoas de qualquer idade, raça, religião ou profissão,

auxiliando o indivíduo a tomar consciência de seu corpo físico com lateralidade e seu espaço em sociedade, acalmar seu emocional com equanimidade, trabalhar sua memória cognitiva, concentração e, principalmente, entrar em contato com uma linguagem simbólica, de mandala viva, que embora acessível, não é tão utilizada no dia a dia.

Não é necessário nenhum tipo de experiência prévia para participar das Rodas de Danças. Do mesmo modo como o canto, o movimento é tão natural em nossas vidas como a respiração, pois nos ajuda a expressar através de formas externas o nosso ser interno, servindo para manifestar fisicamente nossas emoções, intenções e inspirações. Fundamental é ter a disponibilidade de estar junto, se divertir com leveza e alegria e simplesmente entrar no fluxo da Roda, se deixando ser guiado pelo fluxo da vida!

Trabalhando com danças e músicas populares e espirituais das mais diversas culturas e tradições, sobretudo pelo seu não-sectarismo e multiculturalismo, as Danças Sagradas vão aos poucos sendo mais divulgadas e assumindo o próprio papel de transformação e integração.

Naturalmente, o simples ato de dançar junto aproxima fronteiras, estimulando os integrantes da Roda a respeitar, aceitar e honrar as diversidades, pois como os movimentos são muito simples, não é preciso ser um dançarino para participar e a idade também não importa. Dançar em círculo é uma das mais antigas e mais simples modalidades de comunhão grupal.

Organização

Por serem essencialmente enraizadas no Sagrado Antropológico, as Danças Circulares e as Danças da Paz Universal praticadas na Região Metropolitana do Recife, não têm um Corpo Hierárquico, sendo Movimentos am-

plamente democráticos, sociais, inclusivos independentes e complementares, onde qualquer pessoa que tenha as condições mínimas necessárias (ritmo, afinação, coordenação motora, liderança colaborativa, didática cooperativa e boa memória) pode Focalizar/Liderar essas Danças Sagradas, tornando o acesso muito simples e acolhedor.

Algumas particularidades também podem ser ressaltadas: as Danças Circulares são feitas, basicamente, com músicas tocadas em aparelhos eletrônicos, sendo apropriadas a ambientes externos e ruidosos e a ambientes onde a proposta explicitamente religiosa seja constrangedora, e as Danças da Paz Universal são feitas única e exclusivamente ao vivo, com música e canto orgânicos onde os participantes aprendem melodiosas frases sagradas e cantam juntos com acompanhamento de instrumentos musicais ou não, demandando de uma maior concentração e sentimento de reverência. Os instrumentos mais simples utilizados no Brasil são chocalho, tambor e violão, mas ao redor do mundo outros instrumentos acústicos são bastante utilizados como as flautas, harmônio, instrumentos folclóricos, etc.

Como contribui na construção de uma Cultura de Respeito e Paz

As danças podem ser simples e de fácil aprendizado, não tendo necessidade de experiência anterior para participar desses círculos. Ou podem ser danças mais sofisticadas, para quem já dança há mais tempo. As músicas escolhidas são de todos os países e as danças podem ser tradicionais, regionais, folclóricas ou contemporâneas.

A Dança Circular é cooperativa por natureza. Assim, nos tempos atuais, quando as pessoas estão buscando caminhos para harmonizar as diferenças, este tipo de proposta se adequa perfeitamente pela simplicidade e profundidade. Em Roda, de mãos dadas, olhos nos olhos,

o resgate das danças folclóricas traz a ancestralidade à flor da pele e conecta cores, raças, tempos e espaços, acessando outros níveis de consciência e percepção. Esta prática prepara o ser humano para uma nova etapa da humanidade, onde harmonia e paz serão reflexos de atitudes de cooperação e comunhão.

Por todas estas razões, a aplicabilidade das Danças Circulares Sagradas não tem limite. Especialmente no Brasil, ela está sendo vivida nos mais diferentes espaços de convivência: empresas, presídios, escolas, instituições, órgãos públicos, hospitais, abrigos e qualquer lugar que tenha seres humanos precisando de paz, calor humano, amor e compaixão.

Promove o Diálogo Inter-religioso ao tocar no Sagrado de diversas Tradições de Fé diferentes, não se atendo às limitações dogmáticas e estimulando a percepção de que é possível se sentir em paz com a apreciação do Sagrado de outra Tradição que não seja a professada pelo próprio indivíduo dançante.

Experimentar as músicas, os gestos, os ritmos e os passos dos diversos povos, apoiando e sendo apoiado pela roda, faz com que os dançantes entrem quase que imediatamente em um campo novo de aprendizagem, inspirador e desafiador, conectando as pessoas de forma harmoniosa. É também um convite para conhecer, através do ritmo, melodia e movimentos, a expressão de outra cultura, com seus gestos, posturas e história. Naturalmente, o simples ato de dançar junto aproxima fronteiras, estimulando os integrantes da roda a respeitar, aceitar e honrar as diversidades.

Símbolos

Danças da Paz Mundial





Danças Circulares

*Texto elaborado por:
Gustavo Albuquerque Germano dos Santos - Líder de Danças da Paz Universal,
Focalizador de Danças Circulares Sagradas*

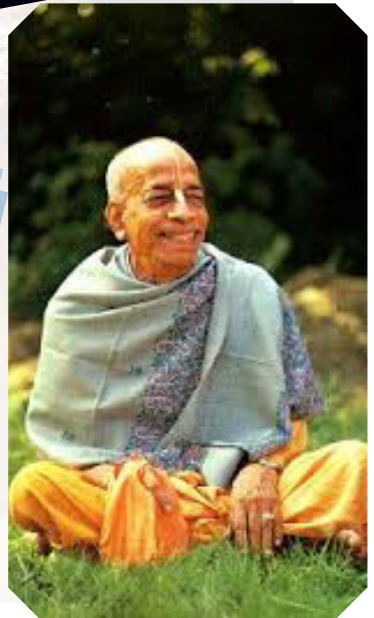
*Informações:
Endereço físico e virtual: até o presente momento não temos uma sede fixa,
porém Eventos das Rodas de Danças Sagradas acontecem, exceto em raríssimos
casos, em:*

*Todo Primeiro Domingo, no Jardim Botânico do Recife, das 11h às 13h – com
Danças da Paz Universal*

<https://www.dancesofuniversalpeace.org>

Todo Terceiro Domingo, no Sítio Trindade, das 16h às 18h – com Danças Circulares – <https://dancacircular.com.br>

MOVIMENTO *Hare Krishna*



MOVIMENTO HARE KRISHNA

SOCIEDADE INTERNACIONAL PARA CONSCIÊNCIA DE KRISHNA - ISKCON

Breve histórico

A Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON), conhecida como movimento Hare Krishna ou Hare Krishnas, é uma organização religiosa Gaudiya Vaishnava. A ISKCON foi fundada em 1966 em Nova York por A.C Bhaktivedanta Swami Prabhupada. As práticas centrais são baseadas particularmente no Bhagavad Gita e no Bhagavata Purana, da tradição Védica Gaudiya Vaishnava na Pessoa do Avatara Dou-rado, a encarnação do Senhor, Sri Caitanya Mahaprabhu, que adveio há 535 anos e estabeleceu o processo religioso de cantar os Santos Nomes Hare Krishna. A organização foi formada para espalhar a prática do Bhakti yoga, a prática do amor a Deus, na qual os envolvidos (bhaktas) dedicam seus pensamentos e ações para agradar a Krishna, o Senhor Supremo. Com notórias expansões desde o início do século xx nas Américas; ocorrendo em 2007 na Índia e, especialmente, após o colapso da União Soviética, na Rússia, na Ucrânia e no resto dos ex-estados soviéticos da Europa Oriental e Ásia Central.

Visão de mundo

O mundo é manifestado da energia inerte de Deus, o Senhor com Seu olhar fecundando a natureza inerte com as almas, então de acordo com os desejos dessas almas ou espíritos os corpos são manifestos. Originalmente as almas pertencem a natureza espiritual, mas no momento elas estão num estado ilusório artificial, o Senhor deseja que voltem ao estado de amor pleno e não egoísta na Sua morada transcendental. Para isso ele próprio entra neste mundo como a Superalma

(o Senhor no coração) e também vem em inumeráveis encarnações para estabelecer os princípios da religião. A criação pertence ao Senhor, e todas as criaturas são suas servas, o prazer e o sofrimento são causados por suas atividades nesta natureza, portanto cada criatura é responsável por seu estado atual, o Senhor apenas sanciona os desejos das almas. Para acabar com este ciclo de atividades materiais as almas precisam entender a Verdade Absoluta, existe um Deus e o propósito de nossa vida é servi-Lo.

Principais Ensinamentos

A Verdade Absoluta É a Suprema Personalidade de Deus, Krishna, tudo tem seu fundamento Nele, Sua natureza É SAT(eternidade)CIT (conhecimento) e ANANDA(Felicidade) As entidades vivas, as almas, são Suas partes diminutas eternas, ao caírem neste mundo seu amor original por Deus transforma-se em desejo hedonista, aceitando diferentes corpos para satisfazerem-se reencarnando repetidamente. Para terminar este ciclo de reencarnações e voltar ao Supremo basta cantar seus Santos Hare Krishna Hare Krishna Krishna Krishna Hare Hare Hare Rama Hare Rama Rama Rama Hare Hare, que, por serem absolutos são iguais a Krishna.

Organização

Kṛṣṇa também ensina a hierarquia em termos do sistema varṇāśrama que Ele criou, e que uma sociedade virtuosa deve equilibrar a igualdade espiritual de todas as almas com a necessidade de uma hierarquia funcional. Esta preocupação encontra eco próximo na filosofia ocidental, como nas ideias de Mill e Durkheim.(HDG-Guru iniciador)

Como contribui na construção de uma Cultura de Respeito e Paz

Um dos objetivos do movimento Hare Krishna é o cultivo do auto conhecimento. Em todo ensinamento do nosso fundador A.C Bhaktivedanta Swami Prabhupada vemos a ideia de que não se pode ter Paz verdadeira sem o desenvolvimento de uma consciência elevada, e que o respeito surge ao se perceber o Divino em cada ser, o que inclui os animais e ser vegetariano; portanto como movimento espiritualista o principal dever é difundir o conhecimento do Divino para cultivar a paz e o amor por todos os seres.

Símbolos

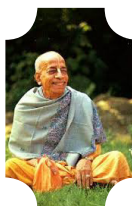


Radha Krishna- O casal Divino aceito como a Verdade Absoluta e fonte de tudo existe tanto material quanto espiritual, o reservatório de todo prazer e o objeto último do amor.



Devotos cantando em Harinama-harinama significa literalmente os nomes de Deus, devotos cantando em toda parte do mundo o mantra Hare Krishna é um dos maiores cartões postais do movimento Hare Krishna.

O mahamantra Hare Krishna- o grande mantra, som que liberta a mente de todos os anseios e temores, purificando a alma dos pensamentos materiais, é base das práticas espirituais.



A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada- mestre fundador do movimento Hare Krishna.

*Texto elaborado por:
Haricakra das Adikari (José Otávio de Sá Braga) presidente do templo iskon de Recife e Krishna Karuna dasi (Catarina Braga)*

Contatos:
Facebook: <https://m.facebook.com>iskconrecif>
Wattsap: 986000108 (Krishna Karuna)
Links externos: <http://iskconbahia.com.br/1082-2/>
<http://culturavedica.com.br/sobre-o-site/>

E OS SEM *Religião?*



E OS SEM RELIGIÃO?

Os sem religião: eles existem

No último Censo, Recife tem 224 mil pessoas que se declaram sem religião. Quando uma pessoa se identifica como pertencente a um grupo designado como sem religião, isso pode conduzir muitas outras a pensarem que se trata de alguém que é inequivocamente ateu. E um ateu, não raramente, é definido em termos negativos como aquele que não acredita na existência de deus algum. Isso, além de ser simplista acerca do que é ser ateu, comporta pelo menos uma limitação por não contemplar outras expressões de fé, tais como aquelas que não podem ser classificadas como tendo a crença em um ou mais deuses. De não menos importância é o fato de que essa categorização não faz jus à totalidade do grupo que se ampara sob o “guarda-chuva” da expressão sem religião. Na verdade, o Censo de 2010 (IBGE) revela um número bastante pequeno de pessoas que se autodeclararam ateias (615 mil) ou agnósticas (124,4 mil). Ambos os grupos perfazem uma diminuta parcela dos que não têm religião (total de 15,3 milhões). Diante disso, a pergunta parece inevitável: quem são estes (outros) sem religião?

Quem são eles?

À parte questões relacionadas à renda, cor, nível educacional, entre outros, chama-nos atenção o fato de que estes pelos quais perguntamos variam entre os já citados ateus e agnósticos e aqueles que não têm uma pertença religiosa caracterizada por uma vinculação institucional. A perda da credibilidade nas instituições religiosas, embora seja apontada como um ou o fator principal em relação ao desencantamento institucional, não foi, em muitos casos, suficiente para erradicar a busca pelo sagrado e o cultivo de uma espiritualidade

normalmente perpassada por elementos de mais de uma expressão de fé. Ainda sob o teto dos sem religião, encontram-se aqueles que, por força da secularização, deixaram de frequentar os espaços religiosos alegando a tão comum justificativa de ausência de tempo (será?). Assim, embora a classificação tenda a homogeneizar essa parcela da sociedade brasileira que escolheu a autodesignação sem religião, a variedade do que vem a ser esse grupo é significativa em razão de que são aparentemente mais livres para formarem suas respectivas visões de mundo, a despeito da influência que a cosmovisão cristã exerceu e exerce sobre muitos desses “críticos” das instituições.

Por um mundo melhor

“Sem Deus, tudo é permitido”, disse Ivan Karamázov, personagem de Dostoiévski. É preciso entender que, embora deus seja supostamente o fundamento da ética e dos valores cristãos, ele não é o único fundamento da ética e dos valores. Ateus, agnósticos e todos os outros que cabem dentro da frase sem religião podem fazer coro junto àqueles - inclusive cristãos - que fazem do diálogo e do respeito à alteridade um de seus mais inegociáveis valores, contribuindo, dessa forma, para uma sociedade mais plural e menos exclusivista e, quiçá, mais justa e igualitária. É o mal da intolerância, muito ensinado e praticado por alguns segmentos religiosos - e também não religiosos! - que deve ser evitado por aqueles que desejam um mundo melhor.

Partilhando uma memória

À mente vem um pequeno excerto do Rubem Alves. Aqui o reproduzimos a título de reflexão: “A saudade é o revés do parto. É arrumar o quarto do filho que já morreu’. Qual a mãe que ama mais? Aquela que arruma o quarto porque o filho volta amanhã, ou aquela que arruma o quarto para o filho que nunca voltará? Os que mais

amam a Deus são os que não acreditam que ele existe e, a despeito disso, continuam a ter saudades.”

FONTES:

KARNAL, Leandro. **Pecar e perdoar**: Deus e o homem na história. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2014.

STEIGER, André. **Compreender a história da vida**: do átomo ao pensamento humano. São Paulo: Paulus, 1998.

HUMANO In: <<https://www.youtube.com/watch?v=TnGEclg2hjg>>.

CASA DO SABER In: <<https://www.youtube.com/user/casadosaber>>.

*Texto elaborado por:
Geraldo de Araújo*

Parte 02

Carta de Princípios e Registros Fotográficos

CARTA DE PRINCÍPIOS DO FÓRUM DIÁLOGOS

A intolerância religiosa causou ao longo da história, e segue causando em diversas regiões do planeta, conflitos com resultados nefastos para toda humanidade.

No Brasil, e particularmente em Pernambuco, as religiões de matriz africana e brasileira sofrem a intolerância religiosa mais intensamente, manifestada no desrespeito aos locais de culto e às suas liturgias, de tal maneira que, reiteradas notícias de violação do direito à liberdade religiosa das pessoas adeptas dos cultos de matrizes africanas e brasileiras são acompanhadas, com frequência, por práticas racistas e, às vezes, também homofóbicas.

Diante disso, e CONSIDERANDO que:

i. a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Declaração das Nações Unidas sobre Direitos das Pessoas Pertencentes a Minorias Nacionais, Étnicas, Religiosas e Linguísticas e os Tratados em Matéria de Direitos Humanos consignam a liberdade de consciência e de crença, e como decorrência, o Brasil tem a obrigação de “assegurar a toda pessoa o direito de professar livremente uma crença religiosa, de manifestá-la e praticá-la individual ou coletivamente, tanto em público como em privado”;

ii. a Constituição Federal consagra, no inciso VI do

Art.5º, “a inviolabilidade da liberdade de consciência e de crença”, e que a laicidade, proclamada no Art.19, inciso I, veda ao Estado o estabelecimento de cultos religiosos ou igrejas, a subvenção, o embaraço quanto ao funcionamento e garante a equanimidade a toda e qualquer religião;

iii. o Estatuto da Igualdade Racial dispõe que “o poder público adotará as medidas necessárias para o combate à intolerância com as religiões de matrizes africanas e à discriminação de seus seguidores” e que, as condutas, dentre outras, de “impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso e vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso” são crimes, consoante dispõe o art. 208 do Código Penal.

Assim, ENTENDENDO a imperiosa necessidade de se dar visibilidade à sociedade das práticas de respeito à diversidade religiosa e das experiências de diálogo interreligioso existentes em Pernambuco, e, RECONHECENDO as iniciativas e os esforços de várias instituições e coletivos que buscam em Pernambuco contribuir para a convivência respeitosa e tolerante entre as diferentes denominações religiosas.

As seguintes manifestações e expressões religiosas existentes no Estado de Pernambuco, RESOLVEM constituir o DIÁLOGOS - Fórum da Diversidade Religiosa em Pernambuco, pautado pelos seguintes PRINCÍPIOS:

* Participação democrática: constituindo-se em um espaço da sociedade civil, aberto à adesão, a qualquer tempo, de outras denominações religiosas,

organizações da sociedade civil, órgãos públicos e pessoas, não prevalecendo em seu interior qualquer orientação político-partidária e realização de proselitismo religioso;

* Diálogo intercultural e interreligioso: estimulando-se o conhecimento mútuo e a troca de experiências entre as distintas confissões religiosas;

* Cooperação entre as confissões religiosas: promovendo-se o respeito à diversidade religiosa;

* Respeito à laicidade do Estado: exigindo-se a equanimidade nas eventuais relações entre o Poder Público e as diversas denominações religiosas;

* Cumprimento da Legislação: garantindo-se o livre pensar dos indivíduos em suas diversas práticas interiores de busca acerca do divino e do transcendente.

Lançamento do DIÁLOGOS, em cerimônia aberta ao público no Auditório do prédio Anexo da Assembleia Legislativa de Pernambuco, aos 12 de novembro de 2012.

REGISTROS FOTOGRÁFICOS DAS AÇÕES DO FÓRUM DIÁLOGOS





POSFÁCIO

Aonde esse caminho nos conduz

(Posfácio de Marcelo Barros¹)

Nesse livro, você pôde acompanhar o testemunho de diversos irmãos e irmãs, cada um/uma nos apresentando a sua religião ou Igreja, ou instituição consagrada à causa da paz, dos direitos humanos e do diálogo.

Aqui vimos como são diversos os caminhos do Mistério. Esse livro nos traz uma boa nova que é importante valorizar. Segundo o testemunho das pessoas que aqui escreveram, todas as tradições aqui representadas buscam, de alguma forma, contribuir na construção de uma cultura de respeito e paz no mundo. No entanto, quando olhamos a história da humanidade, somos obrigados a confessar que, muitas vezes, as tradições religiosas não têm sido fieis aos seus princípios originais de amor e unidade. Principalmente, quando algumas religiões se tornaram aliadas dos impérios do mundo, organizaram cruzadas e perseguições contra outras. Legitimaram conquistas violentas, racismo e até mesmo escravidão de pessoas humanas, além da destruição da natureza em nome do deus dinheiro.

Atualmente, no mundo e especificamente no Brasil, como afirmou Gilbraz Araújo na apresentação desse livro, temos presenciado forte agravamento da intolerân-

¹ Marcelo Barros é monge beneditino (cristão), teólogo e escritor, ligado às comunidades eclesiais de base e aos movimentos sociais. É membro da Associação Ecumênica de Teólogos/as do Terceiro Mundo (ASETT e, desde o começo, membro do Fórum Diálogos.

cia religiosa e de perseguições a pessoas e comunidades de outras expressões espirituais. De acordo com dados do Ministério Público, só nos primeiros meses de 2018, “Pernambuco registrou aumento de 800% em denúncias de intolerância religiosa” (Cf. Destak// Recife, 28/02/2018. Ver www.destakjornal.com).

Nesse cenário, talvez o mais chocante é que, tanto no Brasil como em outros países, os grupos e pessoas responsáveis pelos atos criminosos de intolerância religiosa não são inimigos da religião ou ateus dogmáticos. Ao contrário, são grupos religiosos que afirmam agir em nome de Deus e da fé. No caso de Pernambuco e de todo o Brasil, as comunidades de matriz afro são perseguidas por cristãos e cristãs, de Igrejas pentecostais e neopentecostais, como também por grupos católicos e evangélicos de tendência carismática e fundamentalista, que dizem agir em nome de Jesus Cristo. É bom saber que, no Rio de Janeiro, a comunidade luterana, coordenada pela pastora Luzmarina Campos Garcia, toma como propósito: “Se em nome de Cristo, há grupos que destroem casas de culto afrodescendentes, em nome de Cristo, nós as reconstruímos e defendemos”. Também o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) coordena campanhas de arrecadação de fundos para reconstrução de terreiros e apoio a casas de Candomblé, vítimas de perseguições e intolerâncias. No entanto, essas expressões de cuidado e defesa de uma religião ou entidade religiosa em relação à outra ainda são poucas e minoritárias no mundo religioso. O próprio Fórum Diálogo para Diversidade Religiosa em Pernambuco foi iniciativa do Dr. Westei Conde e sua equipe, da 7ª Promotoria de Justiça de Direitos Humanos do Ministério Público de Pernambuco, em Recife. O Fórum Diálogos não foi criado por nenhuma Igreja ou religião. Foi um representante do Estado que chamou e reuniu religiosos/as de diversas tradições para dialogar e colaborar com o trabalho da paz e da justiça.

Atualmente, no mundo, proliferam iniciativas como o processo dos fóruns sociais mundiais, encontros da humanidade pela Vida e, nos anos mais recentes a Ágora dos Habitantes da Terra (AHT). É difícil compreender que nenhuma dessas iniciativas veio de alguma das grandes religiões da humanidade e nenhuma tem muito apoio de lideranças religiosas. Até agora a maioria dos religiosos e religiosas das diversas tradições espirituais se comporta como se esses projetos de unidade da humanidade não tivessem nada ver com a fé e a espiritualidade.

Ressalto isso para lembrar que, de um modo ou de outro, o apelo divino à transformação interior faz parte de todos os caminhos espirituais. Na tradição judaica e cristã, isso se chama conversão pessoal e comunitária. Espirituais do Oriente preferem falar em processo de divinização. Expressões espirituais antigas e novas denominam de renascimento, ou até de reencarnação permanente. Espiritualidades mais laicais falam de processo de amorização. Em cada tradição, a realidade designada por esses termos tem significado próprio, mas sempre no sentido de um processo de transformação que pode ser interior e comunitário. Por isso, ao concluir esse livro, é importante lembrar que as religiões devem não somente pedir às pessoas que se convertam e se transformem, mas é preciso que, parafraseando Gandhi, elas comecem por si mesmas o que comumente pedem ao mundo.

O coração da fé e da pertença religiosa é a espiritualidade e a mística do diálogo. Em toda experiência espiritual, há o apelo a um sair de si na busca de um ser humano novo. O próprio termo diálogo contém o prefixo dia que indica a ideia de separação e libertação. E o termo logos supõe entrar no discurso do outro. Só há diálogo quando se consegue sair de si mesmo e se colocar no mundo do outro. Por isso, penso que, no final desse livro tão belo e bem escrito, devemos nos colocar alguns

desafios e expressar nossos sonhos e desejos:

1º - Nesse livro, todas as tradições afirmaram que a natureza do Mistério Divino é Amor e Compaixão. Mas, por questão de responsabilidade, podemos nos perguntar: Será que é mesmo essa imagem que as religiões, em geral, passam à humanidade de hoje e principalmente aos jovens? Será que as gerações atuais podem encontrar nas nossas comunidades religiosas, seja qual for a sua tradição, verdadeiras escolas de amor? Laboratórios nos quais se treina a arte de amar?

2º - Se todas as religiões se apresentam como caminhos e expressões do Amor divino e eterno, por que, na história da humanidade, parecem ainda terem colaborado tão pouco para a unidade de toda a humanidade a serviço da vida?

3º - Pedagogicamente, esse livro nos traz a riqueza de dar a palavra a todas as tradições presentes entre nós nessa região e que se dispuseram a colaborar com o Fórum Diálogos. Cada representante de uma tradição falou da sua religião com a sobriedade de quem se apresenta para dialogar. Todos/as manifestaram profundo respeito pelas outras tradições. Por isso, ninguém que lê essas páginas pode confundir essas auto-apresentações com propaganda comercial, na qual cada um quer vender o seu produto. No entanto, podemos desejar que esse livro possa ser um ensaio para que, em uma próxima publicação do Fórum Diálogos, cada religioso/a não fale apenas do seu grupo religioso. Dê um passo a mais no diálogo espiritual: expresse o que o Espírito lhe ensina a partir do caminho espiritual do outro.

Apesar de tudo, podemos afirmar que o diálogo é um gênero literário que surgiu no mundo antigo e se desenvolveu no seio das religiões. Na Bíblia, Abraão, Moisés e os profetas dialogam com Deus; no Avesta, Zaratushta fala com Arimã. Na tradição islâmica, Maomé dialoga com o anjo Gabriel e esse lhe dita o Corão. Também no

livro sagrado do Islã, há o diálogo do profeta e do sábio com seus discípulos/as ou com seus adversários. Nas tradições hinduístas, os hinos do Rig-Veda são em diálogo, assim como são profundos os diálogos de Krisna e Arjuna no Bhagavad-Gita. Nas escrituras sagradas do Budismo de qualquer tradição, são fundamentais os diálogos de Buda. Na sabedoria chinesa, aprendemos muito com as conversas de Confúcio com seus discípulos, assim como os evangelhos nos transmitem os ensinamentos de Jesus, em sua maioria como expressões de diálogo com seus discípulos e discípulas. No Judaísmo, muitos mishna do Talmud são feitos de diálogo entre rabinos e discípulos. Na Fé Baháí, o diálogo se coloca como princípio místico mais profundo chamado “consulta”- exercício diário de busca da verdade pela via da unidade, consenso, desprendimento e transcendência. O conceito da consulta e unicidade do gênero humano são elementos essenciais para o estabelecimento da paz mundial, tão almejada por todas as pessoas de boa vontade.

As tradições afrodescendentes e indígenas são predominantemente de cultura oral. Nelas, os ensinamentos e a sabedoria divina se transmitem de geração em geração através das conversas das pessoas mais velhos/as com as mais novas. Na base de toda a tradição está o diálogo espiritual.

Apesar disso, oficialmente as religiões não tiveram muitas experiências de diálogo. Durante a história, as religiões mais serviram para contrapor culturas e fazer polêmicas do que para ensinar o diálogo à humanidade. Nos tempos contemporâneos, o termo “diálogo” entrou no universo religioso a partir do final do século XIX e principalmente depois da 2ª guerra mundial.

Em 1893, em Chicago, o pastor presbiteriano John Henry Barrows, desautorizado por sua Igreja, fez o Parlamento Mundial das Religiões. Foi por ocasião da Feira Mundial que celebrava os 400 anos da conquista da

América por Cristóvão Colombo. Esta feira promoveu diversos congressos e entre eles, este pastor presbiteriano de 46 anos conseguiu juntar 4000 pessoas na sessão inaugural. Houve 400 delegados dos quais, durante os 18 dias do encontro (de 11 a 27 de setembro), 150 tomaram a palavra.

Em 1960, a americana Judith Hollister fundou o Temple of Understanding, perto de Washington. Entre os membros fundadores estão inscritos o patriarca Ate-nágoras, o Dalai Lama, Thomas Merton, Saverpalli Radhakhrisnan, Albert Schweitzer, U. Thant e os papas João XXIII e Paulo VI. É uma construção em seis alas, cada uma para uma grande religião: budista, cristã, chinesa, hindu, judaica e muçulmana. A meta é “promover a compreensão das religiões em escala mundial. Reconhecer a unidade da família humana”. A ideia era criar em Washington uma espécie de “Nações Unidas Espirituais.

A Conferencia Mundial das Religiões pela Paz é outra iniciativa de diálogo inter-religioso. Foi fruto de cidadãos dos Estados Unidos, Índia e Japão. A primeira assembleia internacional foi em Kyoto no Japão em 1970. A finalidade era “tratar da questão da Paz, propagar a causa do desarmamento, opor-se a todo tipo de discriminação, trabalhar para acabar com o imperialismo e colonialismo e defender os direitos humanos. Eram 139 participantes da Ásia e da África e 77 ocidentais. Dessa conferência, participaram Dom Hélder Câmara, Raimundo Pannikar, Eugene Blake, Thich Nhat Hanh e o metropolita Galitski Filarete de Moscou. Sobre esse encontro, em uma de suas circulares, Dom Hélder Camara escreveu que estar ali em Kyoto com representantes de várias tradições religiosas diferentes a serviço da paz e da não violência tinha sido sempre o sonho de sua vida.

Tive a alegria de, ainda jovem, ajudá-lo no texto que ele lia nesse encontro profético. Com Dom Helder Camara aprendi que: para que haja diálogo é necessário,

ao menos, cinco pontos:

1 – encontro de pessoas e não só comparação de ideias, ou confronto de sistemas.

2 – troca de palavras. (é preciso o mínimo de linguagem comum) e é preciso levar a sério a expressão de fé do outro.

3 – É fundamental reciprocidade. O diálogo inter-religioso exige reciprocidade sem restrição. Não pode e não deve reconhecer previamente a nenhuma tradição qualquer superioridade ou direito maior que as outras.

4 – Na base do diálogo há o direito à Diferença ou Alteridade.

5 – Para ser profundo, o diálogo precisa do compromisso de abertura para mudar...

Seja você religioso/a ou não, poderá descobrir que, para viver esse caminho do diálogo, temos de crer que a diversidade religiosa tem suas raízes no próprio ser divino que é em sua essência uno, mas diverso em suas manifestações. A diversidade dos muitos caminhos para o Amor Divino não podem nos fazer minimizar a unidade profunda que já nos envolve e que temos como missão manifestar no mundo, de modo a criar uma aliança de toda a humanidade pela vida. Nas mais diferentes religiões e caminhos espirituais, sob nomes diferentes, o mistério é Amor. Os caminhos religiosos, se conseguem sê-lo, podem apenas ser nossas parábolas de amor. Como, no século IV, escreveu Agostinho de Hipona: *“Apontem-me alguém que ame e ele sente o que estou dizendo. Deem-me alguém que deseje, que caminhe neste deserto, alguém que tenha sede e suspira pela fonte da vida. Mostre-me esta pessoa e ela saberá o que quero dizer”*².

Em uma assembleia inter-religiosa entre monges

² AGOSTINHO, Tratado sobre o Evangelho de João 26, 4. Cit. por Connaissance des Pères de l'Église 32- dez. 1988, capa.

cristãos e monges budistas e hinduístas, em 1968, em Calcutá, Thomas Merton, monge trapista norte-americano, afirmou: *“O nível mais profundo da comunicação não é a comunicação, mas a comunhão. Ela é sem palavras. Ela está além das palavras, além dos discursos, além dos conceitos. Nós não estamos descobrindo aqui uma unidade nova. Descobrimos uma unidade antiga. Meus queridos irmãos e irmãs, nós já somos Um. Mas imaginamos não ser. O que temos de reencontrar é nossa unidade original. O que temos de ser é o que nós somos”*³.

³ Extemporaneous Remarks by Thomas Merton, citado por JEAN-CLAUDE BASSET, , *Le Dialogue Interreligieux, histoire et avenir*, Paris, Ed. du Cerf, 1996, p. 122.

Fórum Diálogos

Fórum da Diversidade Religiosa em Pernambuco

E-mail:
forumdialogosrecife@gmail.com

Redes Sociais:
Instagram: @oforumdialogos
Facebook: @forumdialogos



Forum Diálogos